

SUMÁRIO

FITA 01.- LADO A

- O pai saiu da Itália e veio para o Brasil com 18 anos
- O pai tinha uma doença chamada ciática
- Quase amputou a perna
- A família morava em Udne na Itália
- Trabalhou inicialmente em São Paulo
- Depois de dois anos veio morar no Barreiro em Belo Horizonte
- Montou um moinho de fubá e buscou a família na Itália
- Trabalhou também numa serraria
- Casou-se com uma italiana que morava em Belo Horizonte
- A família de sua mãe trabalhava na lavoura
- Seu pai tinha muitos amigos italianos no Barro Preto

SUMÁRIO

FITA 01- LADO B

- Ao todo, eram dez irmãos na família Zandona
- O pai construiu uma grande casa no bairro Calafate
- Passeava com o pai na rua da Bahia
- O pai construiu uma olaria posteriormente desapropriada para a construção de um pontilhão
- O pai vendia areia retirada do Arrudas
- Seu marido e o irmão mais velho passaram a administrar a olaria depois que seu pai adoeceu
- Casou-se quando tinha vinte anos
- Ninguém da família adoeceu na época da gripe espanhola
- Largou a escola para aprender a costurar
- Suas tias casaram-se com italianos e foram morar no Barreiro e Barro Preto

SUMÁRIO

FITA 02 – LADO A

- D. Nica freqüentava muito a casa dos vizinhos
- Adorava dançar
- Ajudava a mãe a olhar os irmãos
- Antes de trabalhar com costura pilava café e arroz
- Vendia mandioca e batata-doce para mulheres que ficavam na avenida Augusto de Lima
- Morava na rua Junquilhos
- Não costumava encontrar com outras famílias italianas
- Sua avó sempre que reunia a família fazia comida italiana
- D.Nica fazia crochê e vendia para os vizinhos
- Vendia roupas para a loja de um turco
- Ganha dinheiro vendendo roupas antes e depois de se casar

SUMÁRIO

FITA 02 – LADO B

- Ia e voltava a pé na rua Ouro Preto para trabalhar na costura
- D. Nica é a irmã mais velha
- Ana tomava conta dos aluguéis do pai
- Ana completou o primário
- Alexandre, o irmão mais velho frequentou o ginásio
- Ana casou-se com Abraão que era dois anos mais novo que ela
- Ana namorou um motorneiro
- Abraão era turco
- Abraão trabalhava com caminhão de areia
- Ana e Abraão depois de casados montaram um botequim
- Abraão construiu quatro cinemas em Belo Horizonte e ficou muito rico
- Ana teve doze filhos
- Os cinemas fecharam depois da televisão
- Itália, outra irmã, teve suas pernas amputadas
- Itália também costurava antes de casar
- Itália também montou um botequim no Calafate
- Quando Itália morreu os filhos já estavam grandes
- Angelina casou-se com filho de italianos
- Angelina ajudava D. Nica na costura
- Seu marido trabalhava com caminhão de areia
- Muita gente trabalhava com caminhão de areia na época
- Angelina perdeu um filho atropelado

SUMÁRIO

FITA 03 – LADO A

- Alexandre, quando rapaz, cortava capim para os animais de seu pai
- Casou-se com uma prima e teve três filhos
- Depois de Alexandre veio Angelim
- Rosa, a caçula morreu no Padre Eustáquio
- Quando tinha 7 ou 8 anos, a escola onde estudava fechou por causa da gripe espanhola
- Os defuntos eram carregados num caminhão e enterrados sem caixão
- O Barro Preto na época era uma favela
- Passava em frente à fábrica de macarrão onde trabalhava seu futuro marido
- Todo dia ele a esperava
- Ele era primo de D. Nica
- Os dois passeavam na casa de parentes no Barreiro
- O pai não aprovava o namoro
- D.Nica fugiu de casa e foi para o Carlos Prates
- Depois que casaram foram morar na rua Junquinhos
- D.Nica não teve filhos
- D. Nica teve sérios problemas de saúde quando estava grávida

SUMÁRIO

FITA 03 LADO B

- Fez uma cirurgia e não pode mais engravidar
- Mário deixou a olaria e comprou um caminhão
- D. Nica adotou um menino
- Adotou também uma menina, Maria das Graças
- Maria das Graças casou e foi morar longe de D.Nica
- Depois voltou para cuidar de sua saúde
- Antônio, seu irmão, quase morreu afogado quando pequeno
- Quando cresceu foi trabalhar na Brasilit
- Angelim gostava de horta
- Chegou a ser dono de fazenda
- Ana queimou-se com querosene, mas sua avó a curou

SUMÁRIO

FITA 04 – LADO A

- Os pais de D. Nica não participaram da inauguração de Belo Horizonte
 - As proximidades da praça da Liberdade
- Era coberta de capim sapé
- Frequentava o cinema Democrata com seu pai
 - Frequentava a Igreja do Calafate e sempre participava das suas festas
 - O pai deixou uma boa herança para os filhos
 - Os irmãos homens ficaram todos ricos
 - Somente uma irmã precisou de ajuda financeira
 - Seu pai vendia carvão que os filhos juntavam na linha do trem
 - A avó ensinava a rezar em italiano
 - Seu pai foi dono de muitos terrenos no Calafate

SUMÁRIO

FITA 04 – LADO B

- Os terrenos do pai foi dividido entre os filhos
- Cada filho recebeu 60 mil réis
- O Natal era a festa mais esperada da família
- Fazia-se muita comida italiana na casa de D. Nica
- Tomavam vinho da região de Udne na Itália
- A família da mãe trabalhava com uva na Itália
- Seu pai ficou cego durante um tempo
- Ana era a filha mais próxima do pai
- O pai já estava paralisado quando aprendeu a ler
- Ele lia o jornal Fanfula
- O pai construiu várias vilas no Calafate
- D. Nica nasceu em 1905

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORES: ELIANA DUTRA, ÉRIKA DE FARIA E MÍRIAM HERMETO
ENTREVISTADO: D. ANTONINA ZANDONA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 13/11/95 – 1ª SESSÃO

Entrevista – fita 01 – lado A

MH: Hoje é dia 13 de novembro de 1995. Nós estamos fazendo entrevista com D. Antonina Zandona, e quem está entrevistando é Eliana Dutra, Érika de Faria e Míriam Hermeto.

ED: Dona Nica, nós vamos começar, hoje, fazendo uma perguntinha para a senhora, assim: a senhora é filha de imigrante, não é? O seu pai veio de qual país?

AZ: Ele veio... da Itália.

ED: Da Itália. E a senhora sabe quando é que ele veio para o Brasil?

AZ: Ah, não sei, não.

ED: Ele tinha quantos anos quando veio para o Brasil?

AZ: Dezoito.

ED: Dezoito anos.

AZ: É.

ED: Mas a senhora não se lembra a data de quando ele veio.

AZ: Não lembro, não.

ED: E a senhora tem algum documento dele, alguma certidão, alguma coisa que nos possa

contar quando é que ele veio para o Brasil?

AZ: Não tenho nada.

ED: E a senhora sabe por que ele veio para o Brasil? A senhora pode contar um pouquinho para a gente essa história? Como ele decidiu vir para o Brasil, como ele veio, de que ele veio...

AZ: Ele quis vir para o Brasil para sumir do padrasto dele.

ED: Do padrasto.

AZ: É. Porque o padrasto judiava muito com ele. Ele tinha a idade, assim, mais ou menos de uns 8 ou 10 anos, e ele... o padrasto mandava campear animal no pasto. Quando não achava animal, ele metia o coro. Aí ele foi crescendo, ficou rapazinho, mas deu a idéia de vir para o Brasil e sumir dele.

Mas, antes, ele teve uma doença, e dele ficar campeando animal no pasto, ele cansava muito, porque era longe, às vezes não dava conta de encontrar animal. Aí, ele viu uma pedra, uma coisa, ele sentou numa pedra, disse que o sol quente demais, ele trepou na pedra, que era uma pedrona e sentou lá em cima da pedra. E aquele calor da pedra foi entrando no corpo dele, não é, porque... aí deu uma dor na perna. Essa dor chamava-se ciática, essa dor ciática que ele se tratou muito aqui também. E lá, ele gritava dia e noite.

Então, a mãe dele falou assim: eu vou levar ele no hospital. Levou no hospital e os médicos queriam cortar a perna dele. Chegaram a levar ele na mesa. E aí, na mesa, minha avó ficou do lado de fora, mas eles não trancaram a porta, não, fecharam. Minha avó, deu uma coisa na cabeça dela, ela deu um empurrão na porta, pegou o menino, jogou ele nas costas e veio embora. Falou: ele tem que morrer, é morrer com a dor nas pernas, inteirinho, ele não vai ser amputado, não. Aí veio embora.

Passaram mais uns dois dias, passou um homem lá - e ele gritando na cama - passou um homem pedindo esmola, pedindo comida, porque estava com fome. Minha avó falou assim: eu estou fazendo polenta - porque eles eram muito pobres -, a única coisa que eu estou fazendo é polenta. Aí ele... como que foi? Não, o homem foi e falou assim... minha avó falou assim: tem que esperar uma meia hora, porque eu gosto de

fazer a polenta bem cozida para a gente poder comer. Ele falou: então faz isso, eu vou dar umas voltas por aí e volto para comer a polenta. Aí foi, veio, voltou com uma braçada de ramo e pediu uma vasilha grande para cozinhar aqueles ramos. Cozinhou, deixou um pouco numa bacia grande para esfriar um pouco, e tocou ele dentro da bacia, para banhar a perna. E deixou bastante tempo, bem quentinha. E pôs ele na cama, cobriu ele bem e aí ele... tem hora que eu esqueço.

ED: Aí ele melhorou? Ficou bom?

AZ: É, melhorou. Não, ele voltou... ele não chegou a melhorar, não. Aí o homem voltou, perguntou, e minha avó falou assim: ele por enquanto não melhorou, não. Ele falou: mas vai melhorar, vai sarar. Aí tornou a dar uma volta, trouxe... fez outro banho e o menino ficou bom.

Aí ele cresceu, arranjou uns empregozinhos lá, e não gostava mesmo do... o padrasto não gostava dele.

ED: O padrasto trabalhava com o quê? Trabalhava na lavoura?

AZ: Não, isso eu não sei.

ED: A senhora não sabe.

AZ: Não.

ED: E a senhora sabe a cidade que eles viviam lá na Itália, o lugar que eles viviam lá?

AZ: Era Udne.

ED: Udne? Ah, sim. Mas aí então, ele começou... depois que ficou bom começou a trabalhar.

AZ: É.

ED: A senhora sabe em que ele trabalhava?

AZ: Hein?

ED: Em que ele trabalhava, com o que ele trabalhava?

AZ: Não sei.

ED: Não sabe, não.

AZ: Não.

ED: Aí, ele começou a trabalhar, não gostava, queria sair de lá. Como foi que ele resolveu vir para o Brasil? A senhora sabe?

AZ: Como ele resolveu a vir?

ED: É, a vir para o Brasil.

AZ: Ele saiu... ele não falou com a mãe dele, ele fugiu.

ED: Ah, sei.

AZ: O padrasto começou a judiar muito com ele, ele foi e fugiu. Fugiu e foi para o porto, dos navios, disse que vinha para o Brasil. Mas vinha como? Não tinha documento nenhum, não tinha nada para... para poder provar para ele viajar, não é? Aí ele... o capitão do navio pegou ele dentro já do navio. E aí falou: aonde você vai? Eu vou para o Brasil. E ele falou assim: não, você não pode ir. Você é menino, é criança ainda. Quando você tiver idade, você vai. Agora você vai para casa, deu a ele uns conselhos e falou que o que ele tinha... eu esqueço.

ED: Não, mas pode ir lembrando devagarinho. Aí mandou ele para casa.

AZ: Mandou para casa. Aí ele cresceu, deu 18 anos. E o capitão falou assim: olha, você vai, depois você volta. Porque você vai para o Brasil, você vai trabalhar, ganhar dinheiro, e vai buscar sua mãe e suas irmãs. Ele tinha três irmãs.

ED: Três irmãs.

AZ: É, acho que são três.

ED: Mais novas que eles, será?

AZ: É, mais novas.

ED: Mais novas.

AZ: Não, uma era mais velha. Era mais velha. Tinha a Angelina, que era a mãe do Mário... e a outra? Não, acho que eram duas só.

ED: Só duas.

AZ: Eu falei, da outra vez, três. Mas eu não estou lembrando. Aí, quando ele inteirou 18

anos, ele falou com a mãe dele - já não foi fugido - falou: eu vou, vou trabalhar, vou ganhar dinheiro e venho buscar a senhora. A senhora e as irmãs.

E uma delas - deixa eu ver qual delas - Maria, tia Maria, ela teve uma filha lá, chamava Beta. É a que a inteirava as três, não é?

ED: Ah, vai ver que era.

AZ: É. E aí ele veio embora. Veio, desceu em São Paulo. Ele não sabia, não tinha rumo para onde ir, porque não tinha ninguém que informasse ele qualquer coisa, não é?

ED: E ele veio sozinho. Ele não veio contratado por ninguém para trabalhar.

AZ: Por ninguém. Foi andando. Mas deu uma dor de barriga, uma cólica nele, ele viu uma plantação de milho, embaixo assim numa ribanceira - sei lá como que fala - e ele desceu. Lá ele agachou lá e ficou olhando assim, estava tudo capinadinho, o milho, e viu cada melancia que era isso, ele falava, era cada bitela... E uma fome que, Nossa Senhora! Aí ele... Acabou, pegou uma das melancias, que ele viu que estava boa, não é?, e sentou bem longe, abriu a melancia e comeu. Tá comendo, tá comendo. Daí a pouco, ele ouviu uma voz atrás dele; ele olha, era um pretão. Papai falou qualquer coisa com ele em italiano, e o preto respondeu em italiano. Papai falou assim: uai, mas o senhor é italiano? E ele falou: não, mas aqui em São Paulo quase todo mundo fala é italiano mesmo. Ele falou: quem sabe o senhor quer... o senhor não tem lugar assim, já tratado para trabalhar, não é? O senhor quer trabalhar na fazenda do meu patrão? Lá tem lugar. Aí levou papai, lá ele ficou eu não sei se um ano ou dois, ficou lá. Depois resolveu sair e trabalhar por conta dele.

ED: Sei. E a senhora sabe como ele veio parar em Belo Horizonte?

AZ: Eu sei que ele veio... como eu não sei, ele foi esbarrar acho que no Barreiro.

ED: Mas a senhora não sabe como ele decidiu vir para Belo Horizonte.

AZ: Não sei.

ED: A senhora só sabe que ele trabalhou durante um ano, trabalhou na lavoura em São Paulo.

AZ: Na lavoura. Depois, ele arranjou um serviço também de... foi para o Cercado. A

senhora já ouviu falar no Cercado?

ED: Não.

AZ: Cercado, deixa eu ver... virou uma vila ali... eu esqueci a vila como chama, depois...

ED: Aqui, perto de Belo Horizonte?

AZ: É, aí perto. Ele montou um moinho de moer fubá, e com o dinheiro que ele ganhou para trás, (...) * ele arrumou um dinheirinho e comprou, acho que 5... ele tinha 5 animais. Aí, ele moía, fez o munho e fazia o fubá. Carregava os animais e vinha para Belo Horizonte. Não era Belo Horizonte, era feito um arraial, uma coisa assim. E voltava. No outro dia tornava a fazer a carga, e com isso ele foi ganhando dinheiro. E a mãe dele... ele aí ajuntou dinheiro e mandou buscar a mãe dele, com as irmãs. A mãe trabalhava feito uma danada também, e as irmãs.

ED: Veio a mãe, as irmãs. E o padrasto também?

AZ: Não, o padrasto morreu antes.

ED: Morreu.

AZ: Mas eles... a minha avó... veio uma turma de ingleses, para fazer não sei que serviço era, lá no Barreiro. Eles trouxeram muita louça, umas louças bonitas. E eles pagavam pensão à minha avó, ela dava pensão àquela turma, e eles pagavam com as louças, sabe? E foi indo assim, até que os japoneses sumiram – os japoneses, não, os ingleses sumiram, acabou o serviço.

Mas acontece que tinha uma casa aqui, velha - isso não é do seu tempo, eu era menina ainda, era menina nada - tinha uma espécie de um galpão, feito isso aqui, um galpão. Ali tinha dois velhos que eram donos, e ali fazia mandioca, fazia farinha de mandioca, fazia rapadura, fazia umas coisas assim. E eles, depois o ladrão matou os dois velhos. Achou que eles tinham muito dinheiro. Eles tinham muito dinheiro mesmo, mas na casa velha, eles fizeram um buraco no lugar de guardar ração para animal e puseram numa espécie de uma bacia. Porque até há pouco tempo, antes de desmanchar, eu fui lá espiar. Ficou feito aquele ninho, limpinho. E era coberto com barro. Sabe o que é barro?

ED: Não.

AZ: É tábuia grossa, grosseira. Quando eles fazem tábuia, eles tiram aquele cascão, o primeiro. Então, estava forrado com aquele cascão. E eles meteram prego ali, quem é que ia pensar que tinha dinheiro ali? Aí juntou... Quando os velhos morreram, não sabiam quem era, e tudo. Papai vinha com a carga, com os animais carregados. E estava aquela confusão - isso ele contava - estava aquela confusão ali perto da bomba, aí antes de subir na igreja.

ED: Aqui no Calafate mesmo.

AZ: É, é ali mesmo. É Silva Lobo com Calafate, com Platina.

ED: Toda essa região aqui não era muita casa, então. Era plantação, galpão.

AZ: Era favela, era favela.

O soldado foi e pegou papai, que ele vinha carregado, e falou com ele que ele estava preso. Papai falou: mas por que eu estou preso? Ah, o senhor matou aqueles dois velhos ali. Eu não matei, não. Eu não matei, estou vindo do Cercado com os meus animais carregados, e vou entregar, não posso deixar de entregar. Ah, não, o senhor está preso. Aí desce um capitão - porque a soldadesca toda reuniu aí, não é? Então, estava de noite, riscou um fósforo e olhou na cara do papai, falou: Ah, Zandona! Logo o senhor que eles foram pegar? Pega seus animais e vai embora. Mas não passa antes de duas horas da tarde, não passa para cá. E assim foi.

Depois, acabou com o munho, começou com lenha. Agora, ele mexeu com carvão também, mexeu com serraria, com serrar tábuia, aquele pau grosso, fazia aquelas tábuas fininhas. Mas isso eu não sei, ele achou que... foi pouco tempo. Ele gostou mais foi de comprar mato e pôr cortador de mato. E aí, em vez de fubá, ele levava era lenha. Nessa ocasião, ele já estava casado.

ED: Ele se casou aqui, então.

AZ: É, casou.

ED: Com uma brasileira.

* (...) = Inaudível.

AZ: Não, italiana. Ela veio com 12 anos.

ED: Ah, ele se casou, então, com uma italiana. De uma outra família italiana, que já morava aqui.

AZ: Não, veio de lá.

ED: Sim. E como ela chamava?

AZ: Virgínia Senhorini.

ED: Virgínia Senhorini.

AZ: Mamãe trabalhava também na lavoura. E quando ele ia levar a carga na cidade, onde tinha padaria, entregava a lenha, voltava, tornava a ir. Eu era pequenininha, era eu e meu irmão. Muito pequenininha. E mamãe ficava pondo a lenha; os paus mais grossos, ela punha empilhadinho e me dava um pauzinho fininho para eu ir carregando – os fininhos era eu e meu irmão que carregávamos. E ela punha lá na pilha. Depois aquele mato acabava, ele comprava outro. E nós morávamos... antes da gente sair, ele já fazia a casa lá. Fazia, a casa que ele fazia para nós morarmos era uma casa de... enfiava uns paus e fazia umas coisas lá, cobria com capim sapé, não chovia dentro de casa, não. E cercava com tábuas, fazia parede com tábuas.

Quer dizer que ele, com... tinha uns empregados também, já tinha empregado, num dia eles faziam... quando era de tarde ia buscar a turma e carregava, tinha a carroça, punha a casa na carroça, desmanchava tudo. Capim, outra hora era casa de zinco, coberta de zinco, e assim foi indo. Eu sei que ele... espera aí. As lenhas, por aí, acabou.

E mamãe sofria com negócio de buscar água. A casa era de capim. E ela gritava quando ela ia buscar água. Era um poço, ela tinha que andar duas horas para poder trazer uma lata d'água na cabeça. Quando ela vinha com a lata d'água, ela avistou eu mais meu irmão, eu com uma varinha e ele com outra. E um bicho comprido, todo cheio de anel preto e vermelho, e de outra cor, cinza, eu não sei. Nós achamos aquele bicho tão bonito e começamos a mexer com ele, com a vara. E mamãe, de lá ela: Nossa Senhora! Corre, cambada, não fica mexendo com esse bicho, não! Era uma cobra coral. Ela ficava em pé assim, rodando, só vendo. Em pezinha, aprumadinha assim, com o rabo. E rodando. E eu cercava de cá, ele de lá. Foi indo, ela escutou o barulho

da lata caindo da cabeça de mamãe, correu e desceu para um lugar baixo.

Depois disso, eu não sei o que ele andou fazendo.

ED: A senhora não sabe, depois que ele parou de trabalhar com a lenha, com o que ele foi trabalhar? Qual era o outro trabalho dele? Quando a senhora já estava maior, a senhora não se lembra mais com o que ele foi trabalhar?

AZ: Não lembro.

ED: E a mãe da senhora, a família dela trabalhava aqui também, com o quê? Na lavoura?

AZ: É, lavoura.

ED: Lavoura.

AZ: Arroz, catava arroz assim, dentro daquelas águas baixas, como que chama? Brejo, não é? Plantava arroz. E naquele brejo, onde eles plantavam arroz, tinha um bicho que agarrava nas pernas para chupar o sangue.

ED: Sei.

AZ: Mas depois mamãe falou assim: eu não vou trabalhar mais não. O patrão dela foi e falou assim: não, vocês enrolam um saco nas pernas que os bichos não pegam. E aí foi, ela trabalhou até ficar moça. Depois, acho que ficou namorando ele, não sei. Eu sei que eles casaram.

ED: Deixa eu perguntar à senhora uma coisa: a família, o seu pai buscou, então, a família para cá. Ficaram alguns outros parentes lá na Itália? A senhora sabe?

AZ: Não, não ficou não. Da mamãe ficou, de papai é só ele.

ED: Só ele.

AZ: Só ele.

ED: A sua mãe mantinha... o seu pai e a mãe dele, a avó da senhora, mantinha contato com a família que ficou lá na Itália ou não? Escrevia, tinha notícias?

AZ: Da família de mamãe?

ED: É.

AZ: Tinha, tinha. Escrevia sempre. Até mamãe, ela naturalizou brasileira aqui, ela e papai. Papai mandou buscar os documentos dele, como que chama?

ED: Certidão.

AZ: Certidão. E mamãe mandou... escreveu para minha tia para tirar o negócio também, do batizado, aquelas coisas.

ED: Sei. Certidão de batismo...

AZ: É. E ela mandou. Mamãe ficou sendo brasileira, papai. Ficaram sendo brasileiros.

ED: Todos dois, então, se naturalizaram.

AZ: É.

ED: E a senhora se lembra se seu pai contava se ele tinha amigos? Outros amigos italianos aqui?

AZ: Tinha amigos aí no Barro Preto.

ED: Ah, sei. Aí, o que a senhora se lembra?

AZ: Mas eu não sei o nome deles. Ele tinha muitos amigos.

ED: Mas vocês então conviviam com esses outros amigos italianos.

AZ: É. Convivia com eles. Até eles queriam porque queriam levar papai no jogo de futebol, papai falou: ih, eu não gosto disso não, isso é uma bobagem, eu não gosto dessas coisas, não. Isso é para menino, não é para gente grande não. Então, eles falavam: não, um dia você tem que ir. Um dia, pegaram ele mais disposto e levaram ele. Mas ele ficou lá sentado um bocado, quando começou o jogo, daí um bocadinho falou: quer saber de uma coisa? Eu não estou gostando disso não, vou embora. Foi embora.

ED: Mas ele, então, saía com esses amigos italianos.

AZ: Saía.

ED: Ele contava se eles faziam festas, reuniões, essas coisas? Ele contava para a senhora?

AZ: Não, não contava.

FIM DO LADO A DA FITA 01

Entrevista – fita 01 lado B

ED: Dona Nica, me fala mais um pouquinho das coisas que a senhora se lembra, de quando a senhora era pequena, quando a senhora era menina.

AZ: Quando eu era menina?

ED: É. O que a senhora se lembra? A senhora saía com seu pai?

AZ: Ah, saía.

ED: Depois, quando a senhora foi à escola. O que a senhora se lembra de interessante para a senhora me contar?

AZ: Depois que papai acabou de cortar essas lenhas, que ele comprava essas matas, ele começou a fazer essa casa. Uma casa entre... ainda não tinha a bitola larga, não. Tinha a Oeste, ali... espera aí. Ele fez a casa ali. Ficou sendo entre a Oeste e a bitola larga. Até tem o retrato aí, depois eu mostro. Fez a casa, e os meninos... aí começou... tinha eu e o Alexandre só. Depois acho que veio a Ana. Eu não sei se a Ana nasceu aí.

ED: Nessa casa.

AZ: É. Mas o resto tudo nasceu nessa casa.

ED: Quantos filhos ao todo?

AZ: Eram dez.

ED: Dez? A senhora tinha muitos irmãos, então. Quantos homens e quantas mulheres?

AZ: Eram sete mulheres e três homens.

ED: E foram todos criados nesta casa?

AZ: Foi, todos.

ED: E essa casa, como ela era? Era uma casa grande, era uma casa pequena, como era?

AZ: Não era muito grande, não. Era uma casa de tijolo, coberta de telha.

ED: Ah, que bom.

AZ: Porque nós nunca tínhamos morado numa casa. Para nós era uma beleza.

ED: Claro.

AZ: E o terreno era grande, ele mandou plantar uma chácara. Mas tinha laranja, muita laranja. E nesse meio tempo ele adoeceu, não é? E outra coisa: o papai, quando era dia de sábado, ele mandava mamãe arrumar a gente, dar banho - lá tomava banho era só dia de sábado, para ficar limpo no dia de domingo - e aí ele arrumava, punha a roupinha melhor que tinha, mamãe também arrumava. Ela tinha um sapato tão engraçado, parecia... até há pouco tempo eu lembro desse sapato da mamãe. Ele era de um couro tão duro que o bico levantou assim para cima. Mas não tinha outro. E nós íamos descalços. Eu e os meninos íamos descalços, não tinha sapato, não tinha nada. E meu irmão usava sapato que era do meu marido, quando ele era pequeno. A mãe dele mandava lá para casa.

ED: Ah, eram amigos de vocês.

AZ: Eram.

ED: Italianos também?

AZ: Hein?

ED: Italianos também?

AZ: Italianos. É italiano, porque era irmã de papai.

ED: Ah, eram parentes.

AZ: Era, era parente. Aí ele nos levava no cinema. Era tempo do Carlitos, aquele homem que anda assim. E depois do filme ele entrava num... não era botequim, não, era uma espécie de um... como que fala, gente, eu esqueço tudo. Era uma casa...

ED: Um armazém?

AZ: Não era armazém, parecido com armazém, porque tinha de tudo, tudo quanto era doce...

ED: Armarinho?

AZ: Não. Eu sei que nós entrávamos, sentávamos na mesa.

ED: Um empório...

AZ: Nós sentávamos... papai nos punha sentados nas cadeiras...

ED: A senhora não se lembra o nome desse lugar?

AZ: Era na rua da Bahia.

ED: Na rua da Bahia.

AZ: Eu sei o nome do dono, tinha um cinema e até há pouco tempo eu sabia o nome do cinema. Era italiano também, o dono do cinema. E pegado tinha uma espécie de um botequim. Mas ali tinha de tudo, tudo quanto era doce tinha. Então, papai falava assim: põe um prato cheio de cada doce desses que está aí, põe aqui na mesa. Ah, para nós não tinha coisa melhor, não é? Aí a gente comia até não poder mais. Depois, ele mandava embrulhar tudo e levava tudo para os pequenos que estavam em casa.

ED: Só os mais velhos é que iam ao cinema.

AZ: É. E aí... eu não sei o que ele fazia depois, não lembro o que ele fazia. Eu sei que ele saía cedo e voltava de tarde. Ele ficava com aquela pressão de urinar, aquela coisa, mas a urina não saía. E foi indo que ele ficou parálítico. E aí, um italiano que era sócio dele - porque eles fizeram uma olaria, tijolo, telha...

ED: Ah, construiu uma olaria.

AZ: É, construiu. Construiu uma olaria perto da casa que ele fez, e depois foi desapropriado para poder fazer o pontilhão. O pontilhão passou onde era a olaria. Aí ele fez uma em cima, na rua Junquinhos. E ali ficou, ficou sendo sócio de um tal Filipeto, chamava Filipeto, de que eu não sei. Um italiano. Os empregados dele - ele tinha olaria também, e tinha uma inveja danada de papai. Então, ele chegava lá no quarto onde papai estava, ele ia visitar papai sempre e falava: Zandona... não, ô Domênico - ele chamava ele de Domênico - você não gasta um tostão com médico, não, porque você não vai sarar. Você não vai sarar. Eu pus um feitiço em você - falou em italiano - o feitiço... você não vai sarar. Porque quem fez, fez muito bem feito, e quem fez morreu. E o feiticeiro que morre, aquela pessoa não cura, não. Aí estava o meu tio lá, estava mais gente lá, agarraram ele no pescoço, aí entrou gente no meio, e falou assim: ele está bêbado, deixa ele. Vamos ver amanhã, amanhã ele vem, se ele não estiver bêbado, nós vamos apertar ele. Ele falou a mesma coisa, falou: não adianta o senhor tratar com médico, não, porque ninguém vai te curar. Você vai morrer e é assim. E aí foi...

ED: E que idade tinha seu pai quando ficou parálítico?

AZ: Não sei. Ainda outro dia meu irmão falou, eu esqueci.

ED: O seu irmão mais novo estava... irmão ou irmã? Já estavam todos grandes? Tinha criança pequena ainda?

AZ: Não, tinha, tinha menino pequeno ainda.

ED: De colo?

AZ: De colo. Não sei como que foi... mamãe era uma mulher que não saía de casa. E eu não sei como que nasceu, de Toninho para baixo, acho que foi de Toninho, de Toninho para baixo nasceram todos perfeitos. E papai entrevado, disse que estava morto da cintura para baixo. Como que podia nascer menino assim?

ED: Não devia estar entrevado ainda, assim. Não devia estar completamente, não é? E nesse período ele ficou muitos anos entrevado?

AZ: Ficou. O tanto eu não sei, o tempo que ele ficou, mas que ficou muitos anos, ele ficou. Depois, no fim, ele já saía da cama. Ele largou os médicos e começou a tratar com feiticeiros. Os feiticeiros sabiam e iam lá, papai não mandava procurar, não. Os feiticeiros é que iam lá. Aí eles iam no campo, me levavam, eu conhecia tudo quanto era remédio, tudo quanto era remédio eu conhecia. Agora eu não conheço mais não. Mas a poder de banho, massagem, tanta coisa que faziam no papai, que ele chegou a andar com dois pauzinhos, ele andava a casa toda. Ia lá nos portos de areia, que ele vendia areia.

ED: Ah, ele vendia areia também.

AZ: Vendia, vendia areia. Tinha o rio Arrudas, ali tinha três portos de areia. E vendia. O dia inteiro era aquele movimento de carroça. Ele vivia acho que era disso.

ED: E esse período da olaria, que ele ficou entrevado, ele continuou dono da olaria? Ou só o sócio ficou na olaria? De que vocês viviam, a família vivia, nesse período?

AZ: Papai falou assim: agora nós vamos dividir. Ou você fica com a olaria ou eu fico. Aí o Filipeto falou: não posso comprar, não quero comprar. Papai falou: então, eu fico. E ficou dono da olaria sozinho.

ED: E quem tomava conta da olaria?

AZ: Quem tomava conta?

ED: É, com ele doente.

AZ: Espera aí. Tinha um senhor italiano também, que tomava conta. Depois, o Mário - o meu marido - cresceu, porque ele também era menino. Ficou o meu irmão, o Mário... Não, o Mário, primeiro ele era chefe de uma fábrica de macarrão. Depois, ele saiu porque eles abusavam muito dele, queriam que ele pegasse muito cedo e largava muito tarde. Ele foi, não quis mais. Ele foi trabalhar de pedreiro - o pai dele era pedreiro - trabalhou com o pai

de pedreiro, e foi fazer um asilo lá em cima. E fez do começo até o fim, com outros pedreiros.

ED: É o Asilo Bom Pastor?

AZ: Hein?

ED: Asilo Bom Pastor?

AZ: É.

ED: O Mário era seu primo, então.

AZ: Era primo.

ED: Filho da irmã do seu pai.

AZ: Da Angelina, é. Da irmã de papai.

ED: Ah, sei. E o Mário então, ajudou ele e o seu irmão a tomar conta da olaria.

AZ: Tomar conta da olaria. Depois, todo mundo achava que era do Mário, que a olaria era do Mário.

ED: E a tirar areia também.

AZ: Aí eu não sei. Lá em frente à nossa casa, no portão que saía o caminhão, tinha uma baita de uma... todo dia de manhã, eu abria a janela da cozinha, que era assim mais retirada, olhava para o lado do portão, da saída do caminhão, tinha uma coroa desse tamanho. Todo dia tinha uma coroa de cipreste, dependurada. Mas era uma lida infernal a nossa, Nossa Senhora!

ED: Por quê?

AZ: Ele doente. O Mário adoecia, começou a dar acesso. Mas dava, só vendo. Eu sozinha com ele.

ED: A senhora casou, quantos anos a senhora tinha?

AZ: Eu tinha 20.

ED: Vinte.

AZ: É. Ele, acho que tinha 24.

ED: E a senhora morava perto da casa do seu pai ou morava na casa do seu pai?

AZ: Não, eu morava em frente à olaria e papai morava aqui.

ED: Ah, sei.

AZ: Embaixo.

ED: Eu queria voltar um pouquinho, antes da senhora casar. Quando a senhora era menina, como era a maneira como vocês viviam? A senhora já falou um pouco, que era uma vida que a mãe trabalhava muito, e fim de semana que vocês passeavam, a senhora não tinha sapato. Como que era, o conforto, como vocês viviam? Era uma vida muito difícil? Como era?

AZ: A gente não passava fome...

ED: Vocês iam à escola? Como era?

AZ: Não passava fome, mas era uma vida assim, muito apertada, de pobre. Papai era muito econômico. As meninas menores do que eu... porque o trem passava e jogava, descarregava as pranchas de carvão de pedra. As meninas, quando viam aquilo, corriam com saco, enchiam aquela porção de saco e levavam lá para casa. Papai vendia aquilo. E não dava um tostão para a gente. As meninas ficavam danadas: ah, não vou catar... Tem que catar sim. Papai era bravo, ele mandava mesmo. Mandava meu irmão, o Angelim, mandava ele com o caminhão... Não, ele tirava o caminhão escondido, o Angelim. Passava uma ponte, era um reguinho que vinha daqui, descia, e fizeram a ponte para passar num outro terreno de papai. E papai falou assim: vê se depois da aula - ele estava no ginásio - da aula, depois que você estudar, prepara uns canteiros lá para plantar alho, fazer uma horta lá, porque esse negócio da gente comprar muita coisa não dá, vocês têm que trabalhar. Então, ele roubava... fizeram uma ponte, mas a ponte estreitinha, que o caminhão passava assim, a gente via a roda que ia despencar. Ele enchia dois tambores de água, punha os tambores dentro do caminhão, era um caminhãozinho pequeno. Punha os tambores ali dentro do caminhão, e com uma lata no rio ia enchendo. Depois, pegava o caminhão e passava na ponte, aí molhava as plantas todas, com os dois tambores de água.

ED: E vocês chegaram a vender alguma planta, alguma verdura, alguma coisa? Vendia?

AZ: Vendia também.

ED: A senhora lembra o que vendia?

AZ: Vendia alho, vendia cebola, vendia repolho, vendia couve. Tinha aquela couve palácio, dava cada pé... Um almeirão que dá uma folha... não é daquele redondo, não. É um almeirão que a gente corta e ele torna a brotar.

ED: E tinha verdura o ano inteiro para vender?

AZ: Hein?

ED: Tinha verdura o ano inteiro para vender?

AZ: Ah, tinha, tinha. Plantava mandioca. Agora, a mandioca, eu... teve a espanhola, eu não sei falar assim seguido...

ED: Em 1918, mais ou menos. A gripe espanhola?

AZ: É.

ED: 1918. A senhora lembra da gripe espanhola?

AZ: Lá em casa ninguém teve. Todo mundo teve, só nós lá em casa e o farmacêutico, a família do farmacêutico. Só.

ED: Muita gente teve gripe espanhola aqui em Belo Horizonte?

AZ: Muita. A gente chegava no barranco assim, olhava lá para o lado da favela, onde tinha urubu podia ir lá que tinha gente podre.

ED: Morreu muita gente.

AZ: Nossa Senhora! Morreu mais do que gente na guerra. Tinha casa que encontrava cinco, seis mortos. Mas eu andava... sabe o que eu fazia? Todo mundo ria de mim, eu descascava o alho, descascava uma porção de coisas que... que cheira forte, e enfiava na linha, fazia aquele rosário e punha no pescoço.

ED: A senhora tinha mais ou menos que idade quando teve a gripe espanhola? A senhora era pequena, mocinha?

AZ: Quando teve a espanhola?

ED: É.

AZ: Ah, acho que eu estava com uns 8 anos.

ED: A senhora estava na escola?

AZ: Eu estava no 2º ou 3º ano.

ED: Todos foram à escola?

AZ: Todos, todos. Até o mais velho, ele ia fazer... ele estava com a idéia de ser doutor. Ele ficou no 1º ano ou 2º, não sei, mas depois ele teve que ficar tomando conta da olaria, não

pôde. E eu, a escola parou no tempo da espanhola. E aí ficou muito tempo, ficou acho que uns 8 meses ou mais, não me lembro bem, não. Mas ficou muito tempo mesmo. E quando abriram as aulas, papai falou: ê, cambada, vocês agora têm que ir estudar, acabou a festa. Vocês têm que estudar. Eu falei: ô pai, eu não vou estudar, eu não vou de jeito nenhum. Vai sim, por que não vai? Mas eu, não entra na minha cabeça, uai. Não entra nada na minha cabeça. Ah, não, tem que ir. E o que você quer ser então? Eu falei: eu quero ser costureira. Ele falou: está bom. Aí ele gostou. Porque pagar costura para uma família daquela era muito...

ED: Muitos filhos.

AZ: É. Aí calhou que a costureira era italiana, foi passear lá em casa. Nos apanhou quase na conversa, eu e papai. Então, papai falou com ela se ela não tinha um lugar lá para mim, para me ensinar e tudo. Tem sim, Domênio, tem sim. E ela vai comigo é hoje. E me levou para a casa dela. E comecei a costurar, num instantinho eu aprendi.

ED: Menina então, a senhora aprendeu a costurar.

AZ: Ah, era menina, mocinha. E passear, a gente não passeava, que ele não deixava. Dançar, quando tinha festa de dança, eu era doida poder saber dançar, mas ele não deixava. Festa, não ia.

ED: Deixa eu perguntar para a senhora mais uma coisinha. Daqui a pouco nós vamos parar, para outro dia a gente voltar e continuar. Para não ficar muito cansada. Vocês falavam... ele conversava com vocês em italiano?

AZ: Não.

ED: Não? Só em português.

AZ: Ele aprendeu, mamãe também... Ah, tinha o negócio da guerra que teve, eu não sei se foi de 14, 18, e ele era doido para saber notícia. Ele ia assim, no jornal italiano Fanfula, assim no jornal, mas não sabia ler. Mamãe sabia assim, soletrando mamãe sabia. Aí, ele punha mamãe sentada lá perto dele e ia soletrando devagarinho, devagarinho, e ele ali atento, olhando. E ela falava isso aqui é assim, assim, assim. Ela ensinava ele. Você acredita que ele, em pouco tempo, ele lia o jornal inteirinho?

ED: Ah, ele foi aprendendo.

AZ: É. Mas escrever, ele não aprendeu, não. Eu pelejei para ensinar ele a escrever o nome dele, mas não teve jeito.

ED: E a mãe dele? Ela e as irmãs continuaram morando perto de vocês?

AZ: Não. Casaram por aí, uma ficou no Barro Preto, outra ficou no Barreiro e a filha ficou... a filha de uma das irmãs, sobrinha de papai, filha da irmã de papai é sobrinha, não é?

ED: E a sua avó, a mãe dele, ela morava com uma das filhas?

AZ: Morava com mamãe.

ED: Ah, ela morava então com vocês?

AZ: É.

ED: Ah, a mãe dele ficou morando com vocês.

AZ: É, ficou.

ED: Ah, sei. E as irmãs, a senhora sabe se casaram com italianos também?

AZ: É, com italiano.

ED: E a senhora sabe de que eles viviam, o que eles faziam? Os maridos delas.

AZ: Um era pedreiro.

ED: Um era pedreiro.

AZ: É. O outro mexia com lavoura.

ED: Com lavoura.

AZ: É.

ED: Então, todas duas se casaram com italianos. E a mãe ficou morando com vocês.

AZ: É, ficou.

ED: Ah, sei.

AZ: Mas depois... a gente não saía de noite, não ia no cinema, não ia a lugar nenhum. Então, tinha um quarto separado lá da casa, e nós, de noite, íamos jogar baralho, burro. Era um vidro, e fazia lamparina com o vidro, sabe? Acendia a lamparina e um deles, um menino: Burro! Eu ganhei! E a tampinha da coisa caiu, e entornou o querosene. Entornou no colo da Ana. Ai, menina, pegou fogo na roupa dela, ela ficou em pé gritando, meu irmão tirou o chapéu e está batendo, quanto mais batia, mais fogo. Mas queimou tudo. Dentro do nariz, a boca, saiu aquela pele, sabe? Aqui assim, ficou aquela ferida aqui assim. Queimou cabelo, queimou tudo. Só não queimou foi aqui na direção do umbigo, na

cintura, que não queimou. Porque minha avó é que fazia as roupas, quando eu era mais pequena, que ainda não tinha aprendido. Ela forrava, e depois ela punha um negócio dobrado assim, para juntar as duas costuras, e ficava grosso, aquela tira grossa aqui, muito justinha. Só o umbigo.

ED: E ela foi para o hospital?

AZ: Não.

ED: Cuidou em casa mesmo?

AZ: Cuidou.

ED: E ela não ficou marcada?

AZ: Engraçado, ela ficou com aquela ferida aqui assim, ela ficou toda cheia de feridas. Mas quando o médico chegou...

ED: Ah, chamou o médico.

AZ: Chamou. O médico perguntou se ela tinha jantado, jantou. Ele falou: é, ela tem vida para duas horas. Minha avó falou assim: eu vou mostrar a ele se ela tem vida para duas horas. Aí, ela foi no galinheiro, pegou a galinha mais gorda, matou, tirou... as galinhas ficam com aquela banha amarelinha, ela fritou depressa, esfriou a banha, mandou pedir aos vizinhos aquele coisa, o miolo da bananeira - a folha quando está para abrir fica redondinha - pediu duas para começar o tratamento. Ela abriu, passou a banha na folha, pegou ela, pôs ela em cima da banha, depois untou a outra e cobriu. Aí foi, ninguém por aqui... nós íamos longe procurar broto de bananeira, mas ninguém queria dar mais. Mas ela, graças a Deus, sarou e ela tinha ficado assim...

FIM DO LADO B DA FITA 01

	A		L
Angelim, 16 Asilo Bom Pastor, 15		lavoura, 3, 5, 7, 8, 19	
	B		O
Barreiro, 5, 6, 19 Barro Preto, 9, 19		olaria, 13, 14, 15, 16, 18	
	C		P
Calafate, 6 cinema, 12, 13, 19		Platina, 6 pontilhão, 13	
	D		R
dor ciática, 2		rio Arrudas, 14 rua da Bahia, 12 rua Junquilhos, 13	
	F		S
Fanfula, 18		São Paulo, 4, 5 Silva Lobo, 6	
	G		U
gripe espanhola, 17 guerra, 17, 18		Udne, 3	
	I		
Itália, 1, 3, 9			

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORES: ELIANA DUTRA, ÉRIKA DE FARIA E MÍRIAM HERMETO
ENTREVISTADO: D. ANTONINA ZANDONA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 06/12/95 – 2ª SESSÃO

Entrevista – fita 02 – lado A

ED: Nica, dona Nica, no último dia que nós conversamos, a hora que a gente terminou, a senhora estava falando umas coisas muito interessantes. A senhora estava me falando um pouco de como era a vida dentro da família de vocês, como vocês se divertiam, como vocês se distraíam. Aí a senhora começou me contando que, à noite, vocês tinham muito o hábito de jogar baralho. Até a senhora me contou, inclusive, o caso que um dia houve a queimadura da sua irmã Ana, e que inclusive ela não foi ao hospital. Mas a senhora me contou como foi o tratamento, não é? E aí, eu queria saber da senhora, hoje, o seguinte: o que mais a senhora se lembra dessas diversões, desses momentos alegres, de diversão que vocês tinham em família? Vocês jogavam o burro, e o que mais? Vocês ouviam música? Como era? Me conta.

AZ: Não, música não ouvia. Tinha um...

ED: Tinha rádio?

AZ: Não, não tinha rádio. Tinha um homem que descia lá, ele era muito conhecido nosso, e ele tinha uma sanfoninha. E eu era doida para dançar, era menina, mas era doida para dançar. Então, ele ia na casa do vizinho e nós falávamos com mamãe que íamos até lá embaixo, mas não falávamos que íamos lá para ver tocar, não, porque senão ela não deixava. Olha, mãe, nós vamos até lá embaixo. Aí juntava a turma e ia lá para a casa

do vizinho. E o homem tocava um acordeão... não é acordeão, era sanfoninha mesmo, pequena. Não sei como chamava aquela sanfona.

E as brincadeiras das meninas, juntavam os vizinhos também, fazia aquela brincadeira do tempo de Nossa Senhora, coroação.

ED: Era na igreja.

AZ: A gente fazia o altar, fazia tudo e ia no mato. E tinha um cipó que dava umas flores brancas, uns cachinhos brancos, as meninas pegavam aquilo e punham na... igual na igreja.

ED: Ah, mas não era na igreja. Era na rua?

AZ: Era no terreiro.

ED: No terreiro. Isso quando a senhora era pequena ou quando a senhora era mocinha?

AZ: Não, não era mocinha mesmo, não. Estava assim, nem moça nem menina.

ED: Sei. E vocês brincavam muito assim na rua? Ou brincavam na casa, no quintal dos vizinhos, como era?

AZ: Não, nem ia na casa de... nós tínhamos... por exemplo, eu tinha só duas amigas, só duas.

ED: Italianas? Ou não?

AZ: Não. Uma até era preta. E a outra era minha prima que morava longe, mas quando a gente encontrava, Nossa Senhora! Era aquela festa. E depois, às vezes os vizinhos, as meninas vizinhas iam lá para casa: vamos fazer uma casinha, vamos brincar de marido e mulher. Aí, nós íamos lá na beirada da estrada de ferro, assim do lado tinha aqueles pés de pita - sabe o que é pita, piteiro?

ED: Sei.

AZ: Ah, nós cortávamos aquelas folhas, os meninos enfiavam os paus e nós fazíamos as casinhas. Tinha os vizinhos, ajuntava metade dos meninos numa casinha. Cobria, ficava uma casinha mesmo, toda cercada. Fazia comidinha, mamãe dava as coisas, as panelinhas, as coisas assim para a gente brincar, quando não era hora de trabalho.

Porque para trabalhar, a lida ali era muita.

ED: A senhora trabalhava muito.

AZ: Trabalhava.

ED: Em que a senhora ajudava a sua mãe?

AZ: Eu ajudava a olhar os meninos, porque eram muitos. Depois, papai não comprava arroz limpo, não, igual usa agora. Ele comprava aquela montoeira de saco de arroz com casca. Eu que ia limpar. Todo dia tinha que socar arroz, limpava. E o café era em coco, eu limpava também. Antes de ir para a costura, porque eu falei que não gostava da escola. Antes de ir para a costura, eu pilava o café e o arroz. E, de manhã, papai mandava a gente ir cortar capim para... eram 14 animais. Eu, a Ana – sua avó – e meu irmão mais velho. Nós íamos num mato fechado, menina, um medo... Eu não sei como não aconteceu uma coisa, era aquele boqueirão assim. Dos lados era aquela porção de madeira, de árvore grande, e por baixo o capim. Um capim fresquinho. Cobra, menina, eu matava cobra, eu não tinha um pingo de medo. Depois, pegava elas no pau, assim, e jogava o pau nas costas.

ED: E o que vocês faziam no boqueirão?

AZ: Cortava capim.

ED: Capim.

AZ: E papai falava assim: Vocês vão cortar o capim, aproveita a viagem e... falava comigo: vai, Nica, você leva o balaio e passa lá no canteiro de... ele tinha mandado plantar batata-doce e mandioca, aquele pedaço de mandioca.

ED: Isso no Barreiro ou aqui por perto?

AZ: Aí na rua Junquilhos.

ED: Na rua Junquilhos.

AZ: Eu mais meu irmão íamos arrancar. Um dia, enchia o balaio de mandioca, no outro dia enchia de batata-doce. E para ir para a costura, ele falava assim: você vai com o balaio. Ia com ele na cabeça, eu não sei como que minha cabeça... Ele falava assim: vai pela beirada da estrada, não vai no meio da estrada, porque pode acontecer alguma coisa.

Eu falei: não tem perigo. E fui. As mulheres me cercavam, era avenida Augusto de Lima, ali era Barro Preto, ainda é?

ED: É.

AZ: Pois é. As mulheres que moravam ali... era uma espécie de uma favela, naquela ocasião era uma favela. Elas me viam com o balaio na cabeça, corria tudo do outro lado, porque eu evitava de encontrá-las, porque eu ainda não sabia fazer muita conta, não sabia nada. E como eu ia vender, não é? Elas me passavam para trás. Mas não passava não, porque elas eram muito direitas, e muito amigas da gente.

ED: A senhora vendia para elas.

AZ: Vendia. Vendia, quando eu chegava na costura, o balaio estava vazio. Às vezes ficava uma assim, bem grande, que eu deixava para a costureira. Outra hora, minha avó falava assim: agora, essa viagem você vai levar é para o Vitória. O Vitória era o pai do Mário, meu marido, morava no Barro Preto. Então, eu levava para ele, e levava para uma sobrinha... não sei se era sobrinha... era sobrinha da minha avó, que morava lá no Barro Preto. Deixava lá.

ED: E o que mais a senhora fazia? A senhora ajudava a socar o arroz...

AZ: Não, o arroz mamãe fazia, porque...

ED: Só descascava.

AZ: Só descascava, no pilão.

ED: E catava, buscava capim, carregava mandioca. No que mais a senhora e os seus irmão ajudavam seu pai?

AZ: Ah, o Angelim fazia a horta. Ele era pequeno, ele fazia a horta. Do outro lado do terreno tinha um reguinho - esse rego que passa aí, já entupiram, é Silva Lobo, não é? Do outro lado. E o reguinho separava o terreno, mas tudo era de papai. E tinha um caminhã, um caminhãozinho pequeno, ele roubava o caminhão escondido, bem devagarinho, caminhão ficava lá embaixo na cocheira, e com dois tambores parava no reguinho, no riozinho, e enchia de água os dois tambores. E passava na ponte para atravessar para onde estava ele fazendo a horta. Mas era um perigo, Nossa Senhora! O

caminhão passava mesmo assim, na beiradinha da ponte, não sei como não... as rodas mesmo na beirada da ponte. E, com isso, ele vendia e fazia uns trocadinhos bem bons.

Eu já era casada, era casada de pouco. As verduras, eu pegava lá.

ED: Na horta.

AZ: Na horta dele.

ED: Quer dizer que o tempo – quando vocês eram meninos, que a senhora era mocinha também –, o tempo para aproveitar para brincadeira era pouco.

AZ: Ah, era pouco.

ED: Porque todo mundo ajudava.

AZ: Todo mundo, todo mundo ajudava. A gente trabalhou muito.

ED: E a senhora estava falando desse moço que tocava acordeão, a senhora era mocinha, não é? Ele tocava na rua mesmo?

AZ: Não.

ED: Aonde que ele tocava?

AZ: Ele tocava, tinha uma casa, um barracão pegado na cocheira dos animais. Era o carroceiro que morava lá. Então, o sanfoneiro tocava sanfona e foi ajuntando rapazinho, assim, e a gente dançava.

ED: Ah, vocês dançavam lá.

AZ: Dançávamos. E mamãe, quando descobriu, não deixou mais.

ED: E o sanfoneiro era brasileiro ou era italiano?

AZ: Era brasileiro, e solteiro. E, depois, ele entendeu que queria me namorar, eu fui e também não quis descer mais não. Muito compridão, já meio de idade, eu falei: não.

ED: E a senhora se lembra, assim, de aprender, quando era menina, a sua mãe ou o seu pai ensinavam alguma música italiana? Vocês lembram de ter escutado coisas da Itália?

AZ: Não.

ED: Eles contavam coisas da Itália? Eles contavam para vocês, ou cantavam música,

contavam alguma história?

AZ: Não.

ED: Vocês nunca aprenderam nenhuma música italiana?

AZ: Não, nunca. Mamãe ninava os meninos, ela cantava uma coisa lá, mas eu não aprendi, não.

ED: E vocês iam em alguma festa de italianos? Onde iam os italianos, onde tivesse dança, tivesse comida, iam em algum batizado?

AZ: Não.

ED: Não? Vocês não iam em nada?

AZ: Não. Depois de casada é que eu aproveitei muito, meu marido gostava. Eu morei ali na rua Junquinhos, ali era... aquela vizinhança toda era mesmo que uma irmandade. E era dia de semana. Um dia era numa casa que dançava, outro dia era na outra, outro dia na outra. Mas era divertido, bom que só vendo. Depois foi acabando.

ED: Mas quando a senhora era mocinha, então, não.

AZ: Não.

ED: Vocês não tinham muito contato com as famílias italianas.

AZ: Não, não tinha, não.

ED: E a senhora não se lembra de música, de história, nada.

AZ: Não. Quando tinha algum jantar, alguma coisa, era lá em casa, porque minha avó, ela era italiana, ela cozinhava bem mesmo. Então, ela convidava pessoas que ela gostava, não é? Aí fazia aquela festa, mas não dançava, não.

ED: Mas ela fazia, então, essas comidas. Reunia as pessoas lá.

AZ: Fazia um nhoque muito bem feito, fazia a macarronada que é italiana mesmo, ah, ela fazia muita coisa.

ED: Aos domingos, ou feriado, aniversário? Quando ela fazia essas comidas para reunir as pessoas.

AZ: Não. Era assim, dia de Natal, dia 1º do ano, quando tinha batizado.

ED: Batizado da família?

AZ: É, da família. E a gente gostava, porque ajuntava muita gente para conversar.

ED: E essas pessoas que ela gostava, eram mais brasileiros ou mais italianos?

AZ: Mais italianos.

ED: Mais italianos. E eles iam com os filhos, como era?

AZ: Se iam com filhos?

ED: É. Eles iam com os filhos?

AZ: Não, não. Os filhos ficam em casa, com alguém. Porque diz que quem vai nas festas, ou vai passear na fazenda, alguma coisa, deve deixar os filhos em casa.

ED: Eles não levavam os filhos.

AZ: Não.

ED: E essas reuniões eram durante o dia, eram sempre almoço ou tinha jantar também?

AZ: Não, era só almoço.

ED: E ficava até de noite?

AZ: Não. Quando era assim uma certa hora, durante o dia, cada um caçava jeito de ir embora.

ED: E a senhora lembra das comidas gostosas: macarronada, nhoque. O que mais?

AZ: Aquele arroz a risoto, sei lá. Fazia muita coisa.

ED: Risoto.

AZ: Agora, carne de uma porção de qualidade, que ela fazia. E depois, depois que tirava os pratos do salgado, vinham as castanhas, aquela coisada toda. Castanha, figo seco, doce de todo jeito. Doce italiano era bom, eu não aprendi nenhum.

ED: Era uma casa, então, a da sua avó era uma casa mais alegre do que a sua? Como era? Qual a senhora achava mais alegre? A casa da sua avó ou a sua, com seu pai, com sua mãe e seus irmãos?

AZ: Não, mas a casa de minha avó era a mesma casa, porque ela morava com papai, com mamãe.

ED: Ah, ela morava na sua casa.

AZ: É.

ED: Então lá era muito alegre, lá que tinham esses encontros, então.

AZ: Lá ia muito italiano. Teve uma vez que... tinha um linguinceiro, papai estava ruim de disenteria, e ele usava 24 sacos abertos para descarregar o intestino. Era aquela... minha tia é que lavava aquelas roupas no rio, lá embaixo do pontilhão.

ED: Por que ele não conseguia ir até a instalação que era fora da casa, não é? A senhora contou.

AZ: Ah, ele ficava na cama.

ED: Ah, ele já estava, nessa época, já estava entrevado.

AZ: Já. Ele custou muito a recuperar um pouco.

ED: E o linguinceiro, como é a história?

AZ: Hein?

ED: A história do linguinceiro.

AZ: Eu não entendi.

ED: O linguinceiro, a senhora começou a contar que tinha um linguinceiro...

AZ: Tem horas que minha memória some. A gente peleja e não vem.

ED: A senhora estava contando que ia muito italiano na sua casa, que tinha um linguinceiro que ia lá, numa época que seu pai estava ruim do intestino.

AZ: Ah, é. O linguinceiro falava: Domênico - eles chamavam ele de Domênico, os italianos - como é, Domênico, melhorou? Não, não melhorei. Mas o senhor é cabeçudo - falava na língua deles - o senhor é cabeçudo. Porque eu já ensinei o remédio, é uma vez ou duas, é um dia só que toma, sara. Papai não acreditava nele, não mandava buscar, não. Manda lá no mercado, lá no mercado que tem. E aí ele, um dia, ele falou assim: quer saber de uma coisa? Eu vou deixar o balaio aqui e vou no mercado

comprar. Ele mesmo fez o chá, fez papai beber. Quando foi no outro dia, não sujou um saco. Papai falou: uai, e é bom mesmo. E aí começou a usar, ele sarou.

ED: Sarou.

AZ: E também ele ficou um ano, não comia. Ele só bebia caldo de galinha. Aí, a irmã dele que morava no Barreiro, ela plantava, tinha lavoura, então colhia batata, mas era cada batata! Aquilo, quando fritava, a gente ia comer era assim, feito areia. Macia, a batata não era assim... Porque a gente tem batata que fora do tempo fica ruim, não é? E aí papai falou assim: ô Virgínia - mamãe chamava Virgínia - você frita uma batata dessa para mim, vou experimentar comer. Mamãe falou: olha, Domingo, vai voltar a disenteria. Ele falou: eu tomo o remédio. Aí, mamãe fez a batata. Ele tinha um gatinho e o gatinho, na hora da comida, ia para a mesa e ficava perto do prato dele. Mamãe punha aquelas fatias de batata, fritava aquelas talhadas grandes, e ele cortava um pedacinho, mamãe punha o pires lá e ele punha um pedacinho da batata para o gato. E foi indo, que ele começou a comer direitinho, igual os outros, não precisava fazer comida assim...

ED: Separada.

AZ: E eu sei que ele sarou da... Eu contei do homem que falou que fez feitiço para ele?

ED: Contou, a senhora contou. Quando ele ficou entrevado, não é? E deixa eu perguntar à senhora uma outra coisinha: a senhora disse que seu pai não sabia ler, depois que ele aprendeu, não é?

AZ: É, mamãe ensinou.

ED: É, sua mãe ensinou. E, na casa de vocês, vocês liam? Gostavam de ler? Tinha algum livro, alguma revista? Ou não?

AZ: Não. Gostava de ler romance. Tinha a minha irmã, ela chamava Itália, ela morreu, coitada. Foi preciso cortar a perna dela e tudo. Mas ela lia um romance, naquele tempo - acho que não é do seu tempo, não - "O Vingador". Depois o outro, como chamava? Ela lia para ele. Mas era um tanto de volume assim.

ED: E vocês também gostavam de ler?

AZ: Ah, se gostava! Mas tinha que ser romance de coisa assim, boa para a gente ler.

ED: Revistas, vocês não liam.

AZ: Revista também.

ED: Revista também?

AZ: Também.

ED: Comprava aonde as revistas e os livros, a senhora lembra?

AZ: Ah, revista comprava aí no Calafate mesmo.

ED: No Calafate.

AZ: É.

ED: E os livros, quem comprava?

AZ: Os livros, não lembro se era meu irmão que ia comprar, eu não me lembro.

ED: Todo mundo, então, gostava de ler.

AZ: Ah, gostava.

ED: E vocês liam para o seu pai.

AZ: Papai gostava demais. Essas revistas de amor, essas coisas assim, ele gostava muito. Então punha Itália, Itália que lia para ele. Lia a revista todinha. E de noite, com vela, não tinha luz elétrica.

ED: Quando é que teve luz elétrica, a senhora lembra?

AZ: Não lembro.

ED: E no período que seu pai era vivo, chegou a ter luz elétrica? Ou só teve depois que ele já tinha morrido?

AZ: Depois que ele tinha morrido.

ED: Só depois que ele tinha morrido é que teve luz elétrica na casa.

AZ: Não tinha rádio, depois eles compraram um rádio para ele, mas com pilha, tocado à pilha. Assim mesmo ele divertia bem.

ED: E a senhora, o que a senhora gostava de ler quando a senhora era mocinha? A senhora lia, quando a senhora era mocinha?

AZ: Ah, eu não perdia muito tempo em ler, não. Eu gostava de ler, mas eu fazia era crochê de noite, para vender.

ED: Ah, então a senhora fazia um crochezinho para vender.

AZ: É. Eu fiz muito crochê, mas muito mesmo. E depois eu vendia. Aí, eu não dava nada a papai, porque papai não podia ver a gente com dinheiro que ele: não... Angelim costuma falar que se papai vivesse mais anos - porque acho que ele morreu com 63 anos.

ED: 63 anos.

AZ: Eu acho que sim. Parece que o Angelim falou que foi 63. Se ele vivesse mais, ele deixava os filhos todos milionários. Eu nunca vi cabeça boa para fazer negócio e ganhar dinheiro assim.

ED: E a senhora vendia o crochezinho para quem? Aonde?

AZ: Ah, os vizinhos mesmo compravam.

ED: Vendia para os vizinhos.

AZ: É.

ED: E a costura?

AZ: Costura, eu fazia para os turcos que tinham loja... assim no começo. Lá, um ou outro vestido para moça. Então usava os tais de vestidos de botão, enfeitados de botão de ceroula, mas a coisa mais gozada. O vestido era de 3 babados, e esses babados eram de bico, assim. Todos três. Agora, aqui era botão. Tinha que pregar botão. Eu fiquei um dia inteirinho pregando botão nos 3 vestidos, para 3 meninas, mocinhas. Até há pouco tempo ela estava aí na casa de Ana, a menina do Romeu.

- Qual delas?

AZ: Não, a Sofia. A Sofia, você conhece.

- A mulher dele?

AZ: É, a mulher do Romeu. Ela falou assim: Dona Nica, a senhora lembra aquele vestido que a senhora fez para mim? Ô vestido que eu gostava!

ED: E esse turco morava perto da senhora? Ou a senhora vendia para a loja dele? Como era?

AZ: Não.

ED: Era para a filha do turco ou para a loja do turco?

AZ: Para a loja do turco.

ED: Para ele vender.

AZ: É, aí ele vendia. E também tinha freguesa assim por fora. Eu fazia terno...

ED: Terno?

AZ: Fazia terno, fazia... costura para papai, fazia até colete. Papai ficava todo satisfeito.

ED: E essa loja do turco era aonde? A senhora lembra?

AZ: Era ali mesmo.

ED: Aqui perto?

AZ: É. Tinha uma aqui e uma no Calafate, era de outro turco. Eu fazia calça, aquela montoeira de calça, e entregava, não é? Era três mil réis cada calça.

ED: Cada calça. A senhora fazia calça e o que mais? Vestido...

AZ: Camisa.

ED: Camisa. Para homem e mulher.

AZ: Vestido, blusa. Quando apareciam aqueles bandos de ciganos, ah, me dava costura que não era brincadeira.

ED: A senhora ganhava um dinheirinho bom com costura?

AZ: Ganhava.

ED: E esse dinheirinho era para a senhora, ou a senhora ajudava em casa com esse dinheiro?

AZ: Não. O dinheiro que eu ganhava servia para pagar imposto dos lotes, comprava também as coisas, carne, essas coisas assim. E meu marido tinha comprado um caminhão novo, grande, então ele... o que ele fazia era para pagar a prestação do caminhão.

ED: E antes da senhora casar? A senhora já costurava, não é?

AZ: Já.

ED: E aí, esse dinheiro da costura, antes da senhora casar, na casa do seu pai. A senhora ajudava?

AZ: Eu comprava alguma roupinha assim, para os meninos. O Angelim, então, eu gostava de pôr ele bem bonitinho, gostava mesmo. Às vezes, eu saía, falava com mamãe: eu vou até ali na venda, estou precisando comprar botão. Mas era mentira, não comprava botão nada, eu comprava aquele brim, dessa cor. Ele é moreno, fazia uma espécie de um macacão para ele, com cinto e tudo...

FIM DO LADO A DA FITA 02

Entrevista – fita 02 lado B

ED: E além da senhora comprar umas roupinhas bonitas para o Angelim, comprar umas roupas, o que mais a senhora fazia com o dinheiro? A senhora dava algum para o seu pai ou para a sua mãe? Comprava alguma coisa para a casa? Como era?

AZ: Comprava. Comprava pão, comprava... outra hora eu comprava sandália para mim, porque eu não tinha sapato, não tinha chinelo, não tinha nada. Eu ia na costura, a primeira calça que eu fiz, a costureira me deu 1 tostão. Toma, Tônia, pega o bonde - ela me chamava de Tônia - pega o bonde. Eu falei: ah, Mariana, eu não tenho dinheiro, não tenho calçado, os homens do bonde não deixam eu trepar no bonde, não.

ED: A senhora ia a pé, então, para lá.

AZ: Ia a pé, minha filha.

ED: Quantos quilômetros a senhora andava, a senhora sabe?

AZ: Uai... ah, não sei. Ela morava na rua Ouro Preto, lá embaixo.

ED: Santo Agostinho.

AZ: Sair daqui de casa com o balaio na cabeça, não era mole, não.

ED: A senhora ia e voltava a pé.

AZ: Voltava a pé.

ED: E a senhora não quis tomar o bonde com esse dinheiro. O que a senhora fez com o dinheiro?

AZ: Não, não tinha calçado. Agora, depois que eu juntei 15 tostões, porque todo dia ela me dava, porque eu fazia uma calça. Mas não arrematava, não, deixava para as outras aprendizes arrematarem. Eu fazia tudo de costura, deixava a calça prontinha. E o resto, pregar botão, casear, essas coisas, eram as aprendizes que faziam. Eu também era aprendiz, mas eu era mais chaleira.

ED: Eu queria que a senhora me falasse um pouquinho sobre os seus irmãos. A senhora me falou... Primeiro, eu queria saber o nome deles. A senhora me falou já o nome do Angelim, da Itália, da Ana...

AZ: Maria.

ED: Maria.

AZ: Luzia... qual é a outra?

ED: Quantos eram? Quantos irmãos?

AZ: Acho que eram dez, me parece. Eram três homens... eram sete mulheres e dois homens.

ED: E o nome deles? Vamos ver. Itália, Ana...

AZ: Não, vamos...

ED: Vamos começar da mais velha.

AZ: Conta com o que morreu?

ED: Conta.

AZ: Alexandre...

ED: Era o mais velho?

AZ: É o mais velho. Antonina - eu -, Ana, Itália... depois de Itália quem é que foi? Maria, Luzia... Ah, tem o Angelim, Toninho - Antônio.

ED: Então tem dois homens.

AZ: É, dois homens. Sete mulheres e dois homens. E mais...

ED: O primeiro que morreu, morreu com que idade?

AZ: Ah, ele nasceu e morreu.

ED: E a senhora que é a mais velha, não é?

AZ: É.

ED: Me fala um pouquinho de cada um. O que eles faziam, o que depois eles foram. Vamos começar pela Ana. Depois da senhora, vamos começar da Ana.

AZ: O que ela fazia?

ED: É, assim... me conta um pouquinho. Se a Ana estudou, se a Ana também era costureira ou não, o que a Ana fazia.

AZ: Não, Ana não era costureira, não. Ana, ela gostava de estudar. E ela ficava... por bem dizer era guarda-livros de papai. Tudo que tinha que fazer, escritura, receber, fazer recibo. Porque papai já tinha algum barracãozinho, recebia algum aluguel. Então, Ana que tomava conta.

ED: E a Ana estudou até que idade? Ela foi à escola até que idade, a senhora lembra?

AZ: Ah, não sei. Eu acho que... ela fez até o 4º ano, tirou diploma e não foi mais.

ED: Primário.

AZ: O Alexandre é que já estava no... Como que fala? É, na escola superior. Depois que passa o 4º ano...

ED: O ginásio.

AZ: É.

ED: Mas a Ana estudou até o 4º ano, ajudava seu pai na escrita. E se casou muito nova ou não?

AZ: Não, ela casou... não era muito nova, não. Eu sei que o Abrão era mais novo que ela, o marido. Mais novo 2 anos.

ED: E a Ana casou, teve muitos filhos?

AZ: Teve. Teve acho que 12.

ED: E a Ana trabalhava?

AZ: Trabalhava.

ED: Fora ou em casa?

AZ: Não, em casa.

ED: Em casa. Nunca trabalhou fora.

AZ: Não. Mas quem trabalhou mesmo, no duro, foi eu e depois Ana. Agora, as outras eram mais moleironas.

ED: Mas a Ana nunca trabalhou fora, igual a senhora.

AZ: Não.

ED: Costurando para fora, fazendo crochê ou costura, não. Ajudava o pai.

AZ: É, ajudava. E papai não gostava também que eu saísse com Ana. Não sei porquê. Ana era levada, ela tinha namorado. Eu não tinha, eu custei a arranjar namorado. Eu tinha medo do papai. Ana já era mais... era mais saída. Ela pegava o bonde, o namorado dela era motorneiro.

ED: Ah, motorneiro de bonde.

AZ: É. Ela ia até no ponto. Chegava em casa, falava assim que o homem que ela ia para receber não estava, tinha saído, tinha viajado.

ED: Ficava passeando.

AZ: Com isso, a vida foi...

ED: E ela casou com esse motorneiro de bonde?

AZ: Não, ela casou foi com um turco, com o Abrão.

ED: Ah, ela casou com o Abrão. Esse para quem a senhora costurava?

AZ: Não.

ED: Não? Era outro turco.

AZ: Era outro.

ED: E o que esse turco fazia?

AZ: Ele mexia com caminhão de areia.

ED: De areia, também.

AZ: É.

ED: Não tinha loja.

AZ: Não. Depois que casou, tinha botequim. Ele tinha um botequim ali perto da igreja. Mas acontece que o danado, ele ficava fechado com os companheiros dele, dentro de um quarto, jogando... é um jogo meio proibido. É pôquer, não é?

ED: Pode ser.

AZ: Ficava dia e noite, não levantava nem para comer. E ela ali no duro, levantava de madrugada para dar café aos motorneiros. Eles tinham a gurita mesmo assim, de frente para o botequim deles. Então, ela fazia café, fazia bolinho, trabalhava... As mãos dela, tempo de frio, ficavam cheias... saindo até sangue. Ela trabalhou um bocado, coitada. E a sogra mandava comida para ela, não é? É quem fazia a comida. A sogra dela gostava muito dela. E foi indo que... eles brigavam um bocado.

Um dia, ele falou assim: eu vou suicidar. Ela ficou quieta, lá no botequim, servindo o povo, fazendo que nem estava incomodando. Aí, o que ele faz? O colchão deles era de palha de milho. Ele abriu mais um tiquinho, enfiou lá dentro das palhas e ficou quieto lá. Aí ficou, ficou, ficou. Por acaso, ela teve que entrar no quarto e abrir o guarda-roupa, ele

foi e mexeu lá no colchão, e falou assim: é assim que você gosta de mim, não é, Ana? Eu fiquei sumido esse tempo todo e você não deu falta de mim. Ela falou: ô porcaria, você está aí dentro do colchão, você vai tomar é um banho, porque isso dá uma coceira danada.

E aí, foi indo que ele começou... fez o cinema ali, antes disso, ele fez outras coisas, eu não sei o quê. Mas ele fez... danado para trabalhar, o diabo do turco. Fez esse cinema São José aqui, depois fez o Eldorado, depois fez Asteca lá no... acho que é no Carlos Prates. E depois fez um outro no Horto, fez um outro cinema. Quatro cinemas.

ED: E ficou rico?

AZ: Ficou, ficou riquíssimo.

ED: Aí vendeu o botequim.

AZ: Vendeu o botequim, nem sei se era dele mesmo, ou se era alugado. Eu sei que ele ficou com bastante dinheiro. Eu não sei como que foi. Era danado.

ED: E os filhos da Ana. Quantos filhos a Ana teve?

AZ: Hein?

ED: Quantos filhos a Ana teve?

AZ: Ana? Quantos filhos?

ED: É. Com o turco.

AZ: Doze.

ED: Doze. E os filhos da Ana estudaram?

AZ: Todos estudaram, mas eu não sei o que. Ninguém trabalha, ninguém procura aproveitar o que estudou. Agora, eles estão ricos.

ED: Eles mexem com comércio?

AZ: Tem alguém que dá aula, assim, professor?

MH: Tem. A Virgínia dá aula.

AZ: É? Ela é engraadinha, não é?

ED: E eles mexem com comércio? Continuaram com os cinemas? Como foi?

AZ: Não, continuou com cinema. Acabou com esse negócio de cinema foi a televisão, não é?

Começou a televisão, não ia quase ninguém, aí fechou.

ED: Fecharam todos?

AZ: Fecharam todos. Agora eu não sei, eu ouvi falar que vai começar outra vez o cinema, mas está dividido, não é? Ficou para os herdeiros.

ED: Os herdeiros não sabem. E depois da Ana, qual era a outra irmã?

AZ: Itália.

ED: Itália. Me fala um pouquinho, a senhora disse que a Itália teve que cortar a perna. Me fala um pouquinho da história da Itália. Como que era a Itália?

AZ: Itália era boa, uma mulher mansa, boa mesmo. Ela foi tendo os filhos, eu não sei quantos filhos, acho que uns 7 ou 8 também. E depois, um dos filhos - eles já estavam mocinhos - um dos filhos ficou tuberculoso e ela emagreceu de uma tal maneira, coitada, que ela ficou sequinha. Ela queria ficar com ele, mas não podia. Aí foi indo, muito conselho, muita coisa, ela ia lá visitar ele e ela foi concordando com aquilo, foi indo que ela aceitou. Eles falaram que aquilo era uma gripe forte, que de primeiro, antigamente morria mesmo, mas que agora não, que é uma gripe muito forte e tem tratamento... Aí ela gostou e ficou satisfeita, começou a engordar outra vez.

Depois ela... o que eu ia falar? Tem hora que eu esqueço.

ED: Da Itália.

AZ: É, da Itália.

ED: Que ela engordou... Fala um pouquinho: como era a Itália antes de casar? Ela trabalhava também, igual à senhora? A Itália fazia alguma coisa? Porque a Ana fazia escrita para o seu pai, não é?

AZ: É.

ED: A senhora costurava, fazia crochê. E a Itália?

AZ: A Itália, eu não sei bem...

ED: Ela trabalhou fora?

AZ: Ajudava mamãe, fazia as roupas. Porque era muita roupa, muito menino, não é? E um serviço bruto. Itália trabalhou também um bocadinho.

ED: Costurava também, a Itália?

AZ: Itália costurava. E ela aprendeu a fazer calça comigo, e quando era uma costura mais difícil, ela ia lá para casa, que eu morava ali em cima. E aí ela aprendeu. Nós não falamos foi da Angelina, não falamos o nome da Angelina.

ED: Não, a senhora vai me falar da Angelina. Agora, me diz uma coisa ainda da Itália: a Itália casou com quem? Porque a Ana casou com um turco, a senhora com um italiano. E a Itália?

AZ: Com um brasileiro.

ED: Com um brasileiro.

AZ: É. Ele era de Lavras.

ED: De Lavras. Mexia com o quê? Com o que ele trabalhava?

AZ: Ah, ele fazia de tudo, inteligente como nunca vi. Mas não tinha aquela coisa de ficar num serviço certo, não. Ele não gostava era de trabalhar, ele gostava era de fazer o que dava na cabeça dele. Ele fazia tudo que ele queria. Ele fazia (...)*, fazia pintura. Ele pintou a casa velha lá, depois eu mostro para a senhora. Ele fazia vaso de barro, ele arranjava um negócio e ficava fazendo. Ele fazia um negócio de manteiga, sorvete. Ele arranjou uma receita com um alemão, mas ô sorvete gostoso, Nossa Senhora! E o alemão pediu muito que ele não espalhasse a receita. Ele não espalhou, não. Mas também...

ED: Mas vendia o sorvete?

AZ: Hein?

ED: Vendia o sorvete?

AZ: Se vendia! Vendia era muito.

ED: E a vida da Itália era uma vida mais folgada do que a da Ana? Ou a Itália também trabalhou muito igual a Ana trabalhou para ajudar o turco? Como era?

AZ: Não. As filhas dela...Ela teve muitos meninos, os meninos... e ela queria menina, queria menina. Aí - o marido dela chamava Odilon - Odilon pegou, um dia foi na cidade e viu um boneco, uma boneca muito bonita, comprou a boneca e deu a ela. Você quer uma menina, toma uma menina. E sabe que... ela estava grávida, nasceu uma menina.

ED: Nasceu. Quantos filhos teve a Itália?

* (...) = Inaudível.

AZ: Itália? Acho que uns sete.

ED: Sete?

AZ: É, mais ou menos. Foi Renato... ela teve o primeiro, foi Antônio, é Antônio. Mas morreu. Depois teve o Renato, o Nonô - eles chamavam ele de Nonô -, Ricardo, Eduardo... eu não me lembro o nome que era não. Passa tanto tempo...

ED: Quer dizer que a Itália teve 7 filhos. E ela não precisou trabalhar muito, igual a Ana trabalhava, para ajudar o marido.

AZ: Ah, não. Bom, quando ele pôs... inventou de pôr um botequim lá no Calafate, vendia batatinha com arroz e um ovo frito. Mas ganhava um dinheirão num trem daquele. Vendia caro mesmo. Fazia o prato, era um ovo, batata frita e mais o quê que eu falei?

ED: Arroz.

AZ: É, arroz. Punha o arroz primeiro, depois punha as batatas fritas e depois punha o ovo. E ganhava um dinheirão. O danado não... A Itália é que fazia o arroz, fazia as coisas todas, e ele ficava lá no botequim, vendendo.

ED: Botequim, vendendo. Ele mudava muito de profissão, mas sabia ganhar dinheiro.

AZ: É, sabia.

ED: Então, eles não tinham uma vida apertada, não.

AZ: Ele não teve vida apertada porque ele tinha mamãe, não é? Porque mamãe é que agüentou o durão.

ED: Como ela agüentou o durão?

AZ: Que dava o dinheiro para comprar as coisas. E a Cecília, minha cunhada, viúva, morava com mamãe também. Ela, a Itália, tinha um menino, quando ela tinha um outro, aquele que ela já tinha entregava para a Cecília. Cecília ia criando aqueles que... para ficar o outro no lugar, não é? E pão, essas coisas, comida, tudo que precisava na cozinha, era mamãe que dava.

ED: Que dava.

AZ: É. E ele ia assistir cinema, ia no... todo dia.

ED: Levava a Itália?

AZ: Hein?

ED: Levava a Itália?

AZ: Levava nada. Agora, dia das mães, ele falava: a rainha vai ficar sentada e vai... a gente vai conversando, quem vai cozinhar sou eu. Aí ele fazia. Ele era bravo para danar.

ED: Com a Itália? Com os filhos?

AZ: É, com a Itália também, com os filhos. Ele soube educar também os meninos.

ED: E a Itália teve, então, 7 filhos. E os filhos da Itália foram à escola?

AZ: Foram. Foram todos na escola mas não... é engenharia que eles são não é? Eles todos. Você não conhece eles, não?

ED: Mas têm uma boa profissão.

AZ: Têm.

ED: Todos.

AZ: Todos.

ED: Fizeram até faculdade.

AZ: Agora... faculdade, eu não sei se fizeram. Eu sei que um, ele é... trabalhava para o Luciano, trabalha ainda, é mesmo que dono das coisas... tudo é ele que sabe. Quem tem negócio de terreno, qualquer coisa do Luciano é ele...

ED: Do Antônio Luciano.

AZ: É, o Renato é que mexe. O outro faz poltrona, é o... como que ele chama? O Nenén... ele chama é... não sei se Eduardo ou Ricardo, não sei. Eu sei que...

ED: E a Itália morreu faz muitos anos? A senhora disse que ela teve que cortar a perna.

AZ: Ah, é, ela adoeceu.

ED: Com que idade, a senhora sabe? Que a Itália morreu. Os filhos já eram adultos?

AZ: Não sei de idade. O meu marido, ele tomava nota de tudo. Está nessa gaveta, depois que ele morreu, eu nunca abri essa gaveta para ver nada.

ED: Mas os filhos da Itália já eram grandes quando ela morreu?

AZ: Já, já eram bem grandes, eles freqüentavam escola superior. Mas eu não fiquei sabendo o que eles... como eles se viraram. Eu sei que um deu na cachaça, estudou na Brahma. Bebe feito não sei o quê, coitado. Bons, uns meninos bons que só vendo.

ED: E a Angelina? A Angelina era depois de quem, depois da Itália?

AZ: É, depois da Itália, ou depois do Toninho, do Antônio. Eu acho que é depois da Itália.

ED: Angelina, não é?

AZ: É.

ED: Me fala um pouquinho da Angelina.

AZ: A Angelina casou com um filho de italianos.

ED: De italianos.

AZ: É. Tiveram também, acho que 5 ou 6 filhos, eu não sei. Mas o papai morreu e deixou bastante dinheiro para quem soubesse manejar o dinheiro, não passava falta. Mas o marido acabou com o dinheiro dela, da herança que papai deixou. E o pai dele falou assim - conversando com uns amigos -, falou assim: ah, os meus filhos são assim. Eu, enquanto eu puder chupar o sangue deles, eu chupo. Eles não têm nada que ficar ricos, não, eles têm é que me ajudar, têm que me dar dinheiro. Eles eram danados de mulherengos, nunca vi. Isso não vai sair aí, não é?

ED: Mas isso não importa muito, não. Se a senhora não quiser, não precisa.

AZ: Certas coisas não deve.

ED: Não precisa, é.

AZ: Eu esqueci dessa caixinha aí.

ED: Mas isso não tem problema. E o que mais? A Angelina costurava também? Ajudava em casa, trabalhava fora?

AZ: Não, ela costurava assim: uns tempos, ela me ajudou, não é? Mas ela não aprendeu a cortar calça de homem, ela não aprendeu. Então, ela levava o pano lá para mim, e a medida, tudo, eu cortava para ela e explicava a ela direitinho. Depois, um dia, eu falei assim: ó, isso não dá certo. Você faz assim: você arranja um papel grande e põe as coisas que eu cortei, você põe e tira o molde. Você vai ver que você faz direitinho. E foi, fez direitinho.

ED: E o que mais a senhora lembra que a Angelina fazia em casa? Ela ajudava a senhora na costura?

AZ: A Lenina, não é?

ED: É.

AZ: A Lenina, eu não sei o que ela fazia, não. Ela ajudava mamãe.

ED: E casou cedo ou não?

AZ: Não, casou mais ou menos...

ED: E essa casou com um... brasileiro? Com filho de italiano.

AZ: Angelina, é.

ED: Angelina casou com filho de italianos.

AZ: Com filho de italiano.

ED: E teve muitos filhos?

AZ: Teve. Ela teve acho que 3 homens... é, 3 homens. Ela teve muitos filhos, mas morreram.

ED: Morreram.

AZ: É, nascia, morria.

ED: E com que o marido dela mexia, a senhora lembra?

AZ: De que ele morreu?

ED: Não, com o que ele trabalhava.

AZ: Ah, com caminhão de areia.

ED: Ah, caminhão de areia.

AZ: É. Naquela época, todo mundo quase, era caminhão de areia.

ED: Caminhão de areia. E ela ainda é viva, a Angelina?

AZ: A Angelina? É, coitada, mas ela está com a perna que já... os médicos já quiseram cortar.

A Itália cortou e ela... agora ela trocou de médico, vamos ver se...

ED: E o marido dela também é vivo?

AZ: Não, ela é viúva.

ED: É viúva.

AZ: É.

ED: E ele sempre mexeu com caminhão de areia.

AZ: Sempre.

ED: E os filhos? Também mexem com isso? Mexiam com caminhão de areia?

AZ: É. Agora eles mexem com mecânica.

ED: Com mecânica.

AZ: É, mecânica. Ela perdeu um já de idade, devia ter uns 25 anos mais ou menos. Um estava no botequim bebendo e brigou, estava brigando. Um dos colegas foi correndo chamar o irmão, ele estava almoçando. Ele foi chamar ele, falou: O Hudson está lá brigando mesmo. Ele largou o prato lá e saiu de voador. Ele deu peitada no ônibus, e voou em cima do ônibus, assim, no pára-brisa. Ah, foi morte na certa. E aí ela apaixonou e tudo, mas ela está com essa doença na perna e ela... agora trocou de médico. Vamos ver o que vai dar.

FIM DO LADO B DA FITA 02

A

Abrão, 15, 16
 Alexandre, 14, 15
 Ana, 1, 3, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20
 Angelim, 4, 10, 12, 13, 14
 Asteca, 17
 avenida Augusto de Lima, 3

B

Barro Preto, 3, 4
 boqueirão, 3

C

Calafate, 9, 11, 20
 caminhão de areia, 16, 23, 24
 Carlos Prates, 17
 cinema São José, 17
 Costura, 10

D

Domênico, 8

E

Eldorado, 17

F

famílias italianas, 6
 favela, 3

H

Horto, 17

I

igreja, 2, 16
 Itália, 5, 9, 13, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 24
 italianos, 5, 6, 8, 22, 23

L

luz elétrica, 9, 10
 Luzia, 14

M

Maria, 13, 14
 motorneiro, 16

R

Revista, 9
 rua Junquilhos, 3, 6
 rua Ouro Preto, 13

S

Silva Lobo, 4

T

turco, 11, 16, 17, 19

V

Virgínia, 8, 18

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORES: ELIANA DUTRA, ÉRIKA DE FARIA E MÍRIAM HERMETO
ENTREVISTADO: D. ANTONINA ZANDONA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 31/07/96 – 3ª SESSÃO

Entrevista – fita 03 – lado A

MH: Dia 31 de julho de 1996, entrevista com dona Antonina Zandona. Entrevistadoras:
Eliana Dutra e Míriam Hermeto de Sá Mota.

ED: Dona Nica, apesar de nós termos passado um tempinho sem conversar, não é, eu fiquei lembrando da nossa conversa, daquelas coisas tão interessantes que a senhora me contou. E eu queria, hoje, ouvir a senhora falar de duas coisas: da última vez que eu vim cá, a senhora começou a me contar dos seus irmãos. A senhora me contou a história da Ana, me contou a história da Itália, me contou a história da Angelina. E hoje, eu estava querendo ver se a senhora não poderia me contar mais um pouquinho, alguma coisa do Alexandre, alguma coisa da Maria, alguma coisa da Luiza e alguma coisa do Antônio. Se a senhora não queria falar um pouquinho, me contar um pouquinho desses seus irmãos.

AZ: O que eu sei. Agora, do Alexandre foi o primeiro, mas eu não sei. Dele, eu sei que quando ele ficou adulto, já rapaz, ele deu para beber. Mas ele, antes, ele e eu, nós saímos para cortar capim para os animais. Papai tinha 14 animais e precisava um homem só para cortar capim. Então, papai era paralítico, não é? Falou assim: vocês têm que ajudar, vocês já estão num ponto que precisa ajudar. Aí, nós começamos a cortar capim. Ah, mas nós cortávamos aquela carroçada de capim, todo dia, menina. E quando dava enchente, era capim angola, um capim que ele mandava plantar, a

enchente passava por cima do capim...

ED: Sei.

AZ: E ficava aquela lama. Aquilo secava, sabe? E os animais tinham que comer capim. E como que fazia, tudo cheio de lama? Aí nós cortávamos, papai mandava cortar, levar lá na beirada do rio - imagina, uma carroçada, mas uma carroçada mesmo - levava no rio, a gente pegava os molhos assim e ia lá dentro do rio, fazia assim e punha. Aí, os carroceiros, de tarde, antes de largar o serviço, iam lá, pegavam e punham na carroça e levavam para a cocheira. Depois, ele arranhou, papai arranhou um empregado e pôs. Mas meu irmão pegou um serviço de carroceiro. Mas ajuntava com o outro carroceiro e ia beber. Ele aprendeu a beber, mas bebia para caramba, Nossa Senhora! E foi indo, foi indo, coitado, foi até morrer.

ED: Não se casou, o Alexandre, então.

AZ: Casou.

ED: Casou-se?

AZ: Casou. Teve dois... três filhos. Casou com uma prima.

ED: Italiana também.

AZ: É, filha de italiano.

ED: Filha de italiano.

AZ: Teve três filhos, e esses filhos cresceram. Um sofria do coração. Filho de bêbado, não é? Sofria do coração. O outro casou. Cresceu, formou (...)*, casou e teve filhos também, três. Três moças. E aí foi indo que ele morreu. Deu aquela doença, angina, não sei o quê. Mas trabalhador, só vendo. Era um menino trabalhador mesmo.

Depois veio o Angelim, o Ângelo. Esse deu trabalho!

ED: Ele era o caçula?

AZ: Não, caçula é Rosa, é uma que morreu aí no Padre Eustáquio. Foi Alexandre, depois eu... quer saber de mim?

* (...) = Inaudível.

ED: Claro. Pode começar a contar. Inclusive, outro dia a senhora não me contou. A senhora me contou do casamento da Itália, a senhora me contou do casamento da Angelina, da Ana, e a senhora não me contou do seu casamento. Como a senhora começou a namorar, como a senhora casou, como foi sua vida de casada. A senhora não me contou nada sobre seu namoro e seu casamento.

AZ: Antes de casar eu... teve a febre espanhola, eu estava com 7 anos mais ou menos, estava no grupo. Não, tinha mais, tinha uns 8 anos mais ou menos. Aí, eu estava no grupo, ali no Bernardo Monteiro, e deu uma febre que matou muita gente, mas matou mesmo. Não sei se vocês já ouviram falar nessa gripe.

ED: Já, mas quero ouvir a senhora contar.

AZ: A gente olhava assim, só a casa de papai e a casa de um farmacêutico que não teve, o resto todo teve a febre. Espanhola, que chamava. Essa febre espanhola acabou o grupo, fechou. Então, quando reabriu, que a febre acabou... eles não levavam caixão nem nada, não, era no caminhão. Pegava os defuntos no caminhão e ia. A gente olhava assim, via urubu em cima da casa, podia ir lá que tinha gente morta já fedendo.

ED: E por que chamava espanhola, dona Nica?

AZ: Porque foi uma espanhola que veio com essa doença. O navio ficou parado, como que fala? Ancorado...

ED: Ancorado, isso.

AZ: É. Longe do porto. Mas mesmo assim o vírus passou para cá. Aí foi aquela... porque aquela coisa de morrer, o povo morrendo, mas graças a Deus... eu tinha um medo... eu fazia um colar de alho, e punha no pescoço, com medo de morrer, pegar a doença e morrer. Porque onde batia na casa era tudo, não ficava um para contar o caso. E a febre, graças a Deus acabou. No outro ano teve mas foi uma espécie de uma gripe muito forte, não teve tanta morte.

Aí eu falei com papai: ah, eu não vou voltar para a escola, não. Ah, vai sim, uai. Você tem que ir para a escola. Eu não vou, pai, não entra na minha cabeça, nada entra na minha cabeça. E o que você vai fazer? Ah, eu estou com vontade de aprender a costurar. Ele falou: bom. A família era grande, não é? E calhou que a dona que fazia

roupa para nós, ela foi chegando com aquela trouxa de roupa feita, era uma despesa danada. Aí, ele falou com a dona, uma italiana: como é, Mariana, a Nica está querendo aprender a costurar. Você vai ensinar? Ela: ensino, ensino sim. Ela foi comigo, ela falou assim: eu vou a pé. Porque eu não tinha nem sapato, nem tamanco, nem chinelo, não tinha nada, não. E papai foi e falou assim: ela vai descalça, porque não tem. É muito menino, eu não trabalho. Tem os carroceiros, está a coisa mais difícil para conseguir carroceiro, fica mais parado do que trabalhando. Então, ela quer aprender a costurar, se a senhora ensinar. Ensino sim. Aí ela falou assim: ela vai hoje comigo, e eu vou a pé com ela. Era um tostão que a gente pagava de bonde. Eu vou a pé. E foi, eu fiquei sabendo aonde que era, e todo dia eu ia.

Mas, primeiro, nós cortávamos capim lá em cima, perto do asilo, papai tinha terreno até lá em cima. Eu cortava capim e papai falava assim: você leva o balaio e passa lá na... ele mandou plantar mandioca, mandou plantar batata-doce. Você pega o enxadão lá na olaria, pede um enxadão emprestado e arranca uma balaiada. Todo dia você vai à tôa, você leva o balaio na cabeça, de batata-doce, outra hora de mandioca, e vende. Menina, eu não chegava nem na metade do Barro Preto, era no Barro Preto lá embaixo, na rua Ouro Preto. Eu ia com o balaio na cabeça. Mas as mulheres gostavam tanto da mandioca, porque cozinhava, ela abria toda. E me cercavam, eu ia na beirada de cá da avenida e do lado de lá era uma favela – o Barro Preto era uma favela, naquele tempo. As mulheres corriam, as que já tinham comprado mandioca, elas corriam e me cercavam, ficavam com a mandioca toda, me aliviavam. No outro dia já levava batata-doce, no outro dia levava mandioca, era assim.

ED: E a senhora conhecia o seu marido, nessa época?

AZ: Não.

ED: Que a senhora começou a namorar?

AZ: Foi.

ED: Então me conta um pouquinho.

AZ: Eu ia a pé, passava em frente aonde ele trabalhava, porque ele trabalhava numa fábrica de macarrão, ele era gerente.

ED: E onde que era essa fábrica?

AZ: No Barro Preto, a rua eu esqueci.

ED: No Barro Preto.

AZ: É, no Barro Preto. Eu ia passando e ele ficava no portão me esperando. Porque era primo, era parente. E aí ele me esperava passar, e a gente conversava um pouquinho e eu ia. De vez em quando eu olhava para trás, ele estava lá no portão espiando. Falei: está engrossando. Aí ele foi indo, foi indo, eu aprendi a costurar. Eu já deixava uma calça pronta, sem arremate. De costura, de máquina, ficava prontinho. E aí eu ia... tem hora que a memória foge.

ED: Aí a senhora passava por ele, todo dia.

AZ: Passava, todo dia ele me esperava. Aí ele começou a ir lá em casa, a gente conversava e tudo. Um dia, nós fomos para o Barreiro, porque ele que andava com a carroça do... para entregar macarrão. Aí, ele falou assim: eu vou pedir o patrão aí, um dia de domingo nós vamos no Barreiro.

ED: Só uma coisinha: o patrão dele também era italiano?

AZ: Era. Era italiano, chamava Gancho. E nós fomos no Barreiro. Então...

ED: Foi passear no Barreiro?

AZ: É, para passear.

MH: E todo mundo ia passear no Barreiro?

AZ: É, ia na carroça.

MH: Fazer pic-nic?

AZ: Não, ia na casa de parente.

ED: Ah, porque a senhora tinha a irmã do seu marido que morava no Barreiro, não é?

AZ: É, tinha uma irmã, tia Maria.

ED: Dona Maria.

AZ: E aí eu fiquei debaixo de um pé de laranja, que a laranja era uma bitela assim, eu

chamava ela de tuti-fruti.

ED: Sei.

AZ: Então, ela dava um cachinho de flor tão bonito, umas flores grandes, cheirosas. Ele foi, tirou uma penca e me deu. Eu falei: é, está engrossando mesmo.

ED: Está começando.

AZ: É, está engrossando. Nós conversamos, viemos embora e depois acabou a gente namorando mesmo. E eu tinha um primo... dois primos também doidos para... falando mal desse que eu... querendo...

ED: Namorar.

AZ: Querendo namorar também. Mas eu... Também foi o único.

ED: E naquela época os pais se importavam ou não? De namorar primo, ou era comum?

AZ: Papai não queria de jeito nenhum.

ED: Ah, não queria?

AZ: Não. Mas naquele tempo, eles não falavam é parente, pode acontecer isso, pode acontecer aquilo, eles não falavam nada, não. Podia falar, não é? Pode ter filho assim aleijado, atrapalhado, sei lá. Não falava, só falava que não queria, e não queria mesmo. Aí, um dia, nós resolvemos.

Meu irmão, o Alexandre, ele descobriu que eu estava namorando, ih, mas ele ficou num ciúme danado. Porque todo lugar que ele ia passear, ele me levava. A gente tinha uma amizade que só vendo. E quando ele soube, ele começou a brigar comigo, falando que ia me matar, que eu era uma mulher à tôa, mas tudo quanto era nome feio ele punha em mim.

Aí o Mário falou assim: o negócio está ficando é feio. Eu falei assim... ele falou: seu pai não quer, nós vamos dar um jeito de fugir. Aí, eu fui numa cartomante, três dias antes, lá no Barro Preto tinha uma cartomante que falavam que era muito boa, ela falou assim: você, pirata, você está aprontando, hein? Ela pôs carta e falou comigo: você está aprontando, hein? Eu fui, comecei a rir, falei: tem marca para nós fugirmos, daqui uns 3 ou 4 dias. Ela falou assim: mas vocês vão ser felizes. E acontece que quando

chegou o dia da gente ir, já estava marcado, tinha alugado a casa e tudo, estava tudo pronto, eu já tinha minha trouxinha também - eu fazia meu enxovalzinho escondido, porque eu costurava no quarto, e fui fazendo, fazendo outras coisas...

MH: Quantos anos a senhora tinha, dona Nica?

AZ: Hein?

MH: Quantos anos a senhora tinha?

AZ: Eu já estava com 20 anos. E aí ele... eu combinei com a minha irmã, a Ana, ela me ajudou. Chegou o dia, pegou uma tempestade, menina, que onde que nós íamos passar - eu ia pular a janela – a tempestade me jogou no chão. Quebrou as telhas todas.

ED: A senhora fugiu à noite.

AZ: É. Aí foi preciso do Mário ir lá consertar. Era o dia que nós íamos embora. Quando foi no dia seguinte, eu pulei a janela, a Ana me entregou a trouxa e eu passei na cerca, debaixo da cerca, ele me ajudou e nós fomos lá para o Carlos Prates.

ED: Já para a casinha da senhora.

AZ: É. Tinha um amigo dele que ajudou a arrumar a casa. E ficamos também comendo... ele deu pensão uns 8 dias. Não quis cobrar nada, ajudou. Depois nós mudamos para cá.

ED: E seu pai?

AZ: Hein?

ED: E seu pai, quando soube?

AZ: Ih, menina, foi aquele forró. O rapaz que encontrou a gente lá era um primo. Falou assim: deve estar na casa do fulano. Ele foi, e ele falou assim: não, na minha casa não está, mas ele está ali, naquela outra casa. Aí ele foi e falou assim: ih, sua mãe tá que tá, de fazer dó. Ela foi... ela levantou, foi lá no quarto para me chamar e eu não estava lá, minha cama estava arrumadinha. E foi, mandou lá aonde que o Mário morava, a cama estava arrumada. Cambada, eles fugiram mesmo, fugiram mesmo. Aí o rapaz, o outro primo foi campeando, perguntando, até que encontrou. Veio um amigo de papai, falou assim: eu estou arrumando para vocês casarem amanhã, amanhã vocês casam. Falei: está bom. Aí, nós casamos. E viemos morar aí na rua Junquilhos.

ED: Na Junquilhos, perto de onde era a casa de seu pai.

AZ: Não, a casa de papai era ali.

ED: Era aonde, qual rua?

AZ: Não tinha rua, não. Eu sei que era entre duas linhas, a linha da Oeste e a linha da Central.

ED: Da Central.

AZ: É, agora acabou, agora nem sei... E o Alexandre passava: se eu encontrar ela, eu dou uma espetada nela, dou uma facada nela. Se eu encontrar, eu vou dar uma facada nela. Um dia, ele passou a pé, olhou para mim, eu falei: ei, Alexandre, eu estou com saudade de você, vem cá, vem cá Alexandre. Não, agora eu não posso, não. Ah, vem cá, vem tomar um café. Ele tomou café aqui, tá bom, estou feliz. Adulei ele bastante, ele fez as pazes.

ED: E a senhora se casou com vigário, com padre ou foi com juiz? Como foi?

AZ: Casou primeiro com o juiz. Depois, então, passado um ano mais ou menos é que teve aquele negócio de festa de padre, aquela... como que chama aquilo?

ED: Festa de que tipo?

AZ: Era uma festa que eles faziam casamento de graça, batizado de graça, aquelas coisas.

ED: Ah...

AZ: Então, nós casamos na igreja.

ED: Na igreja também.

AZ: É, na igreja.

ED: E aí seu pai foi, sua mãe e seus irmãos? Ou não?

AZ: Não, não foram.

ED: Não foram. Mas arrumaram tudo.

AZ: Mamãe... papai tinha... ele fazia o sortimento, ele não comprava a quilo, ele comprava era saco, era aquela sacada de coisa. Saco de arroz, saco de açúcar, saco de tudo. Era

saco. Tinha um quarto lá que vivia cheio, porque era muito menino. E ele falou assim: eu gosto é de fartura. Mas também não deixava ninguém passar fome, não.

MH: E depois do casamento, seu pai aceitou o Mário?

AZ: Aceitou.

ED: Ficaram amigos?

AZ: Mas fiquei uns 3 meses sem ir lá. E papai falava com os amigos que não me queria lá, que isso, que aquilo. Um dia, eu falei assim: ah, ele queira ou não, eu vou. Eu vou e fui. Fui, entrei pela porta da frente, onde ele estava sentado, porque ele era paraplético. Uai, você não tem vergonha de vir aqui? Eu fui, fiquei calada.

Não; primeiro, eu fui saber se mamãe estava em casa. Ah, mamãe está lá embaixo na cocheira, está lá dando água para os animais. Então, eu fui lá e mamãe falou assim: se seu pai falar qualquer coisa, você não responde, nem nada, porque vai indo que ele amansa. E aí, eu fui entrando com mamãe, ele foi e perguntou se eu não tinha vergonha de ir lá, e tudo. Eu fiquei calada, e fui entrando para a cozinha adentro. Nisso eu... tinha um laranjal... mamãe falou assim: vai lá embaixo apanhar umas laranjas para você. Eu fui, apanhei umas laranjas, vim e sentei lá perto de papai, mas ele não conversou comigo, não. Nem eu puxei conversa com ele, porque não tinha onde puxar conversa. Porque eu estava esperando uma patada daquelas. Mas não teve. Aí eu despedi, fui embora.

Você acredita que mamãe... ela mandava as meninas com cada trouxa, era um dia de arroz, outro dia era de feijão, outro dia... ela mandava o sortimento todo. Ela não deixava passar fome, acho que era medo da gente passar fome. E mandava frango...

ED: E daí foram se aproximando de novo.

AZ: Foi.

ED: E o Mário tomou conta da olaria? Foi depois que a senhora estava casada?

AZ: A olaria era de papai. É. Eu sei que... depois tem a história do Angelim.

ED: Só uma coisinha, antes da senhora contar do Angelim: a senhora e o Mário não tiveram filhos?

AZ: Não.

ED: Por que a senhora não quis?

AZ: Não. É porque... não sei. Nós tivemos... fomos acompanhar um enterro, e a linha do bonde, eles tinham arrancado a terra, estava dessa altura. E o carro que trouxe, que nós fomos acompanhar o enterro, quando voltou, ele veio numa velocidade e trepou num trilho assim, eu estava grávida de 4 meses. Aquilo, nele bater em cima do trilho assim, eu bati com a cabeça e dei aquela apagada, sentada na almofada.

Aí cheguei em casa, ainda fui fazer almoço, de repente me deu aquela dor de barriga. Mas que dor! Eu tinha... o menino do Alexandre não saía lá de casa. Então, a privada lá era uma privada seca, mas era lá atrás do barracão. E eu fui assim agachada e o menino começou a chorar. Ô tia, você não vai morrer, não. Você não vai morrer, não. Eu falei: não, não vou morrer não, mas fica quietinho aí e grita o tio Mário. Vai ali no portão e grita o tio Mário. Aí ele começou a gritar, o Mário veio.

Mas nisso, a vizinha que morava perto, pegado lá, do lado, só tinha a divisa de cerca, ela veio, deu a volta, passou no portão, me ajudou a entrar, porque tinha escada. O Mário chamou a parteira, eu falei: o negócio, acho que é... agora é aborto. Chamou a parteira, a parteira veio, pôs uns trens quentes que fez até borbolha d'água na barriga. Me deu purgante, minha filha! Tinha arrebentado aqui, arrebentou a apendicite, arrebentou o ovário e o aborto... misturou tudo. Eles queriam chamar o médico, eu não quis deixar, antes de saber o que era. Dor de barriga, a parteira estava lá.

O Mário, quando foi... não... foi de madrugada, o Alexandre bateu na janela: como a Nica está, Mário? Ela está melhor? Ah, ela está muito ruim. Ah, então eu vou chamar o médico. Ele desceu, veio aí na casa de um turco, pediu se podia emprestar o telefone. Ele chamou o doutor... como que chama, gente? Eu esqueci o nome do médico. Aí ele foi, ele falou...chamou o Mário separado - depois que me contaram - chamou o Mário separado, falou: o caso dela é gravíssimo, gravíssimo. De quatro casos que já me passaram pelas mãos, morreram todos. Agora, se o senhor quiser que opera, eu opero. Ele foi e falou assim: não, vamos operar, às vezes Deus ajuda que ela vai ficar boa. Aí me levou. Mas o carro ia devagarinho, que todo mundo corria para saber o que era, de tão devagarinho que ele ia, o carro. Mas eu não estava conhecendo ninguém, estava

daquele jeito. Aí ele chegou lá, chamou...

FIM DO LADO A DA FITA 03

Entrevista – fita 03 lado B

AZ: ... já tinha feito os medicamentos e eu voltei a memória. Eu escutei ele falando assim, e falei: então, o que é preciso, doutor? Ele falou assim: nós vamos fazer isso, se a senhora quiser, se a senhora quiser. Nós vamos fazer uma operaçãozinha muito assim... é até muito à tôa. Eles deram lá um jeitinho que eu fiquei até devendo obrigação e eu falei assim: então é agora, não é doutor? É agora mesmo. E bateram na minha cabeça assim, e falou: como ela é corajosa! E aí já me levaram para a mesa, mamãe estava lá, o Mário, ele puseram um médico ou enfermeiro, não sei, para ficar perto de mamãe e o Mário. O Mário falou: não, não precisa não, eu não precisa tomar conta não, porque eu sou forte. A minha sogra tem razão, porque é filha, toma conta dela.

Fizeram a operação, eu fiquei 11 dias no hospital. Operou mas... Quando fez 7 dias, parecia que eu ia subindo, depois descia... de ruim que eu estava. Estava ruim mesmo. Os parentes todos, um entrava, outro saía, outro entrava, outro saía, era aquela história. Aí foi indo que o intestino não funcionava também, porque estava com purgante também na barriga, que a parteira deu. E eu vim embora, muito magrinha, depois não tive mais.

ED: Não engravidou mais.

AZ: Não.

MH: A senhora tinha quantos anos de casada quando isso aconteceu?

AZ: De casada, fez 57 anos.

MH: Quando a senhora teve esse problema, a senhora tinha quantos anos de casada?

AZ: Ah, tinha uns 4 anos mais ou menos. Foi indo, eu fui recuperando e engordei um bocadinho. Eu fiquei sequinha. Eram dois lotes, eu mais o Mário que fizemos o barracão. Eu ficava atolada no barro até quase na cintura, para dar a ele... ele construía e eu servia material para ele.

ED: O Mário trabalhava com o quê? Teve uma época que ele tomou conta da olaria. E qual era a atividade do Mário, o trabalho do Mário?

AZ: Como que é?

ED: Qual era o trabalho do Mário?

AZ: Como era o trabalho?

ED: Em que ele trabalhava? Com o que ele trabalhava?

AZ: Ele trabalhava com caminhão.

ED: Ah, com caminhão também.

AZ: Um caminhão grande, ele já tinha saído da olaria e comprou um caminhão por conta dele.

MH: Transportava (...).

AZ: Hein?

MH: Ele transportava de tudo?

ED: O que ele transportava? Areia?

AZ: Era material da olaria.

ED: Ah, sim. Material da olaria.

AZ: Ele foi...

ED: E a senhora também costurava para fora?

AZ: Costurava. Eu aprendi, eu fazia terno, menina. Era costureira boa.

ED: Dona Nica, e a senhora foi feliz com o Mário? Valeu a pena ter fugido para casar, não valeu?

AZ: Valeu, valeu sim.

MH: Vocês adotaram uma menina, não adotaram?

AZ: Adotamos. Ela até mora aí.

MH: Pois é. Como vocês resolveram adotar uma menina, dona Nica?

AZ: Uma mulher me chamou ali no muro e eu fui lá. Já tinha um menino que eu tomei para criar.

ED: Ah, é?

MH: A senhora criou um filho também, rapaz.

AZ: É, criei. Ih, mas ele deu trabalho, mas deu trabalho. Ele bebia quando cresceu, ele dava acesso, ele tinha aquele eczema, um negócio que dá uma água na perna, mas foi um problema. Dava trabalho mesmo.

ED: A senhora adotou bebezinho?

AZ: Como que é?

ED: A senhora o adotou quando ele era bebê?

AZ: Não, ele tinha 5 anos, parece. A mãe dele morreu, o pai bebia demais e o menino dormia no botequim. Saía com o pai e punha o menino, os vendeiros faziam aquele ninho de saco, punha ele, fechava a porta e punha o pai para fora. O pai, depois morreu. Mas antes, o pai levou ele lá em casa. Sabia que nós não tínhamos filho, falou: está bom para criar meu filho. Mas depois ele foi lá buscar. Mas um investigador falou: não, eu vou buscar o menino, ele não pode ficar com ele, pois ele bebe para danar.

Aí foi indo que ele casou. Casou, mas deu amolação. Casou com uma moça, ela fazia chifre na vista dele. Sem vergonha mesmo. Um dia, eu falei com ele: você fala com a sua mulher, com a Angelina, que a hora que eu encontrar com ela eu vou quebrar ela no pau. Vou quebrar ela no pau. Ela tinha um medo de mim, Nossa Senhora! Foi indo até que, coitado, ele ficou com diabetes. Bebendo feito não sei o que. Tive que internar ele em Barbacena, porque ele ficou meio perturbado. Tudo isso.

Deu uma ferida no pé dele, essa ferida deu o que fazer. Lá em Barbacena, no hospício, ele estava no hospício, mas não estava junto com os doidos, não, sabe? Era com os doidos assim, meio...

ED: Mais calmos.

AZ: É, mais calmos. E... esqueci.

ED: A senhora estava falando que deu uma ferida na perna dele.

AZ: Ah, é. O meu irmão falou assim: tem muito tempo que nós não vamos, tem quase um ano que nós não temos notícia do Paulo. E eu vou no Rio, eu tenho que ir lá no Rio de Janeiro, na volta eu vou passar lá para saber dele. Aí custou, ele chegou lá no hospício, custaram a trazer o Paulo para ele ver. Acho que ainda foram dar banho nele, vestir roupa nele, acho que

eles ficam de camisola, não sei. Ele chegou, meu irmão viu o pé dele, falou: Nossa Senhora! Os dedos estavam caindo, não tinha medicamento. Ele deu uma bronca lá com eles, e eles falaram assim: eles não trazem remédio, não tem médico, tem um médico mas não tem medicamento, não tem nada. Como nós vamos tratar das pessoas? Ele falou assim: então, vocês me dão o nome do médico, o endereço, ele mora dentro da cidade. Então, eu vou lá. Pegou o endereço e foi. Trouxe o médico, o médico olhou ele e falou: aqui o caso é cortar o pé dele fora, tem que cortar. Ele falou: não, por enquanto não corta, não. Eu sei de um enfermeiro que tem uma pomada que eu garanto que vai curar o pé dele. Eu volto aqui. Ele veio, foi lá, ainda teve que pedir licença à Irmã, porque ele trabalhava no Hospital Militar e pediu à Irmã se podia... contou o caso, não é?

ED: Seu irmão?

AZ: Hein?

ED: É seu irmão, esse?

AZ: Esse que foi buscar o remédio?

ED: É.

AZ: É meu irmão.

ED: Qual que era?

AZ: Angelim.

MH: Aí ele voltou com a pomada? Pediu licença...

AZ: Ah, é. Pediu à Irmã. O enfermeiro pediu licença à Irmã. E essa pomada era o enfermeiro que fazia, só ele que fazia. Então, a Irmã falou assim: vamos ajudar. Ela arranhou um vidro daqueles de boca larga, encheu da pomada, uma pomada - nós chamávamos de pomada fedorenta - e levou, passou. Foi passando... ele falou: daqui a 15 dias eu estou aqui, eu quero ver. Daí a 15 dias já estava cicatrizando, não foi preciso. Mas os dedos que estavam piores caíram. Ele ficou com dois dedos, acho. Num pé, dois dedos.

MH: E vocês descobriram o que era, dona Nica?

AZ: Hein?

MH: Vocês conseguiram descobrir o que era?

AZ: Não, é briga. Eles brigam muito, machuca. E a pomada serviu para muitos outros lá, foi uma beleza.

MH: Como chamava esse filho da senhora, esse menino que a senhora criou?

AZ: Paulo.

MH: Paulo?

AZ: Paulo.

ED: E a menina?

AZ: A menina? É Maria da Graça.

ED: Maria da Graça.

AZ: É.

ED: E a menina mora perto da senhora.

AZ: Ela mora aí.

ED: Mora aqui.

AZ: Ela já veio saber que tinha movimento aqui, eu vi a cara dela ali.

MH: E como ela chegou até a senhora?

AZ: Ela chegou aqui... uma dona morava ali, tinha um barracão alugado. Então, ela me chamou, falou: ô, dona Nica, essa dona aqui está dando essa menina. Mas era uma gracinha de menina, uns cabelos cacheadinhos, muito bonitinha, só vendo. Ela está dando essa menina. Eu falei assim: ah, mas eu não quero, não. Eu não quero, porque eu já estou com o Paulo aí, ele está me dando muito trabalho, eu vou ficar com a menina, vai ser pior. Aí ela falou: não, leva a menina para o seu Mário ver, ele vai gostar.

Eu peguei a menina, quase que eu caí com ela, porque me deu do muro, não é? Eu peguei a menina e trouxe. Falei: Mário - o Mário estava até almoçando - a menina foi caindo logo para o lado dele. O Mário pegou um pedacinho de pão, deu a ela assim, ela não tinha um ano certo, não, estava por pouco. Deu a ela o pão, ela pegou o pão assim, mas caindo para o lado dele. Ele foi, pegou ela no colo, e ela gostando dele demais. Falei: engraçado... Eu falei: a

dona está dando essa menina. Ele falou: ah, você é quem sabe. Eu não falo para você tomar não, porque depois não dá certo e fica eu o culpado, não é? Você que pensa. Pensa lá, se você quer, pode pegar. Mas eu não falo para pegar.

Aí eu pensei, pensei, falei assim, falei com a mulher: olha, pode ser que eu vá pegar a menina. Mas eu pegando a menina, ela não tem parente seu, não. Os parentes delas são da minha família. Eu, quando ganho um cachorro, ou... a senhora não está dando não é cachorro, nem gato, não. A senhora está dando uma filha. E se por acaso a senhora arrepender depois dos papéis todos prontos, arrepender, a senhora não pega a menina, não. Porque eu tomo amor. Um cachorrinho, não volta de jeito nenhum. Quer dizer que a menina também não volta. Não, eu estou precisando - ela era uma mulher à tôa - eu estou precisando dar a menina, eu já dei os dois meninos - ela tinha gêmeos, ela deu - e eu não vou amolar. Está certo. Eu falei: como vai ficar? É de papel passado, tudo direitinho, não é? Ela falou: do jeito que a senhora quiser.

Aí eu pus o carro... o Mário tinha um carro, já, ali na praça, um táxi, eu pus o carro à disposição dela e meu primo que ia arrumar os papéis, aquela coisa, e arrumou. Mas ô menina, um ano ela não me deixou dormir.

ED: É mesmo?

AZ: Eu ia querendo dormir e ela: éh, éh, éh... O que é? Não era nada. Você dorme, fica quietinha. Era a conta de eu querer dormir, a menina começava. Eu falei: está danado. Quase um ano, menina, ela não me deixou dormir.

ED: Mas foi uma boa menina?

AZ: Foi. Foi muito boa, muito obediente. E eu pus uma mocinha para ensinar a ela, em vez de levar no jardim, ensinava em casa. Depois ela entrou para o grupo, o Mário levava e ia buscar. Levava, buscava. Depois, foi para um colégio aí não sei aonde, foi a mesma coisa, levava, buscava. Ele não tinha prazo para nada, estava só por conta dela. Eu sei que ela tem três diplomas. E sabe também... ele comprou uma máquina de datilografia. Isso tudo ela sabe. Depois ela casou, estava por pouco para tirar o diploma de francês – francês, não, de inglês - estava por pouco. O moço inventa de apertar o casamento, fazer o casamento, aí o Mário falou: está por pouco dela tirar o diploma... ela ia passar, porque ela tinha boas notas, muito estudiosa. Ele falou assim: não, depois de casada ela pode ir, ela pode ir até tirar o

diploma. Então, fez o casamento e ficou morando aí. Na lua-de-mel, eles foram num lugar aí, não sei aonde, e ele inventou de ir na beirada do rio, escorregou e caiu lá no fundo. Quase que ele morreu. Mas depois, com muito custo ele deu um jeito, ele sabia nadar, e saiu. Foi para o hotel, trocou de roupa.

MH: E ela até hoje mora aqui com a senhora.

AZ: Mora. Ela já mudou uma vez. Depois eu tive que operar, e meus parentes ficaram... um ficava de dia, outro ficava de noite, outro ficava de dia, outro ficava de noite, então uma das minhas sobrinhas foi lá na casa dela - ela morava num apartamento longe daqui - falou: Neném, o seu lugar, minha filha, é lá perto da sua mãe. Sua mãe está no hospital, que você sabe, e você precisa olhar ela. Mais do que depressa ela deu um jeito. Ela tinha comprado lá um apartamento, vendeu, veio logo e ficou.

Agora, o Toninho, o que eu posso falar dele é que ele sumiu um dia, pequeno.

MH: Quem é o Toninho?

AZ: Toninho é meu irmão, Antônio.

ED: Antônio.

AZ: É. Ele foi, sumiu. Sumiu, procura daqui, procura dali, mamãe ficou doida. Era dia de Santo Antônio. Aquilo, me deu uma coisa na cabeça, saí correndo e fui lá embaixo, atravessei as duas linhas e fui lá no bebedouro dos animais, que eram aquelas barricas serradas no meio e enchia de água. E quando eu chego assim, eu falei assim: hoje é dia de Santo Antônio, ele vai dar conta de Toninho. Eu olhei assim, eu vi duas perninhas.

ED: Ah, ele tinha caído.

AZ: Ele caiu de cabeça para baixo. Mas foi naquele momento, porque senão ele tinha morrido.

ED: Que coisa!

AZ: É. Aí eu levei ele lá para casa, mamãe trocou a roupa dele depressa e sacudiu ele. Eu falei: não tem nada não, mãe, ele está bom, eu cheguei na hora.

ED: E o Toninho trabalhava com o quê? Ajudava seu pai?

AZ: Ele estava no colégio ainda.

ED: Pois é. E depois quando ele cresceu, com o que ele foi trabalhar?

AZ: Ele trabalhava para a Brasilit, desde mocinho. Trabalhava aí para a Brasilit. Acho que fazia esse negócio de caixa d'água, essas coisas.

ED: E o Angelim?

AZ: Angelim, o que ele fazia? Ele estudava também, mas nesse meio tempo ele gostava de horta, fazia horta. Trabalhador, só vendo. Ficou rico.

ED: É?

AZ: É, já teve até fazenda. Então, o Angelim era, quando era pequeno, o padeiro chegava até na linha para entregar o pão, e a gente tinha que sair correndo de dentro de casa e pegar o pão lá do padeiro, porque ele não entregava na casa, não. A gente que tinha encontrar com ele lá aonde ele parava. E o Toninho... não, o Angelim... o que eu estava falando?

ED: Do Angelim. Que era muito trabalhador, que se tornou uma pessoa muito rica, gostava muito de horta.

AZ: Ah, é. Mas eu ainda não lembrei o que era que eu queria.

MH: A senhora estava falando do pão, vocês iam buscar o pão...

AZ: Ah, é. E mamãe é que foi buscar o pão, mas estava dando de mamar ao Angelim, pequeno... não estava muito pequeno, não, era um menino... era tudo mulher, mas como era menino, dava de mamar mais, para ele ficar forte, não é? Aí ele chegou, mamãe quando pegou o pão falou assim: uai, cadê Angelim? Ela é que tinha posto, para pegar o pão, pôs no quartinho, lá no quartinho, lá na cama, ele já estava dormindo. Cadê o Angelim? Ele já estava andando. Eu não sei, ninguém sabe do Angelim. Ela foi lá no quarto, não viu, foi nos quartos todos e não viu, olhou debaixo das camas.

Ele tinha costume de acompanhar papai, papai ia até o porto de areia que tinha no rio, via o pezinho dele, o rastro, porque ele sempre acompanhava papai. Mas ele estava dormindo, papai também estava em casa. Até o pessoal do Calafate ajuntou, um procura daqui, outro procura dali, não encontrava. Quando papai falou assim: ah, esse menino deve estar é por aqui mesmo, gente. E devagarinho, ele foi lá no último quartinho e ele estava lá bem dormindo. Aí foi aquele desabafo, porque ele estava dormindo.

Nesse meio tempo, a minha avó, a mãe de papai, morava na olaria e mamãe de vez em quando mandava um frango, alguma coisa para ela. E ela tinha amarrado um franguinho que ele escutou... Angelim andava de camisola, eu que fazia as camisolas dele. Andava de camisola... Eu estou ruim da cabeça.

ED: Está ótima. Eu quero ficar, na sua idade, assim.

AZ: Mas aí, ele ouviu a conversa que o franguinho era para minha avó. Ele pega, distraída, a mamãe lá fazendo comida e tudo, ele pega o franguinho e sai com... não era franguinho, não, era um galo, ele pegou o galo assim e saiu. O coitado do galo foi arrastando a cabeça no chão. Ele já estava ali, de lá de baixo. Sozinho, menino pequeno, ele já estava ali, ia lá na olaria, no final da Junquilhos. E o pobre do galo já todo cheio de sangue, de arrastar. Acontece que o Mário vinha descendo, ele vinha descendo e... eu não sei se eu já era casada, não lembro. O certo é que o Mário falou: Nossa Senhora, Angelim, aonde que você vai? Eu vou levar para a *nona*. Porque *nona*, em italiano é avó. Vou levar para a *nona*. Você não pode, meu filho, vem cá. Pegou ele no colo, pegou o frango e voltou para trás e falou com mamãe. Ela falou: Nossa Senhora, é muito menino para a gente olhar. Sem empregada, sem nada, não é? Olhar papai doente.

Nesse meio tempo, a Ana queima, queimou toda. Minha avó curou ela. Mas queimou toda, até a garganta, lá no fundo, de ela gritar. Nós estávamos jogando baralho, burro, sabe? E com aquelas lamparinas de vidro, que faz. A lamparina virou com querosene no colo dela, pegou aquela labareda. Ah, mas meu irmão, Alexandre, com o chapéu batendo...

ED: A senhora já era casada, quando a Ana se queimou?

AZ: Eu não... acho que não era casada, não. Não tenho lembrança, não. Aí veio... o meu tio estava lá, mamãe quando ouviu aquela gritaiada, o quartinho não tinha porta para comunicar, tinha que dar a volta, ela foi queimando. Queimou os cabelos, queimou o nariz lá dentro, queimou tudo. Só não queimou o umbigo, menina, porque o vestido dela tinha uma costura grossa na cintura - minha avó é quem fazia - não queimou o umbigo. E a hora que o médico que veio, falou assim: ela jantou? Jantou. Ah, ela tem duas horas de vida, só duas horas. Mas ela teve mais... Minha avó falou assim: agora, o médico já olhou ela, quem vai curar ela sou eu. E daqui queimou tanto, que virou aquela crosta, aquela feridona aqui assim. E agora está só aqui, um bocadinho assim. Mas ela está velha, ela é atrás de mim.

ED: Não ficou marca nenhuma com o remédio que sua avó usou.

AZ: Ela matava galinha um dia sim e um dia não, para tirar a banha. Fritava a banha da galinha e mandava nos vizinhos, aonde sabia que tinha bananeira, pedia o broto, sabe? Eles davam.

ED: Aquele umbigo da banana?

AZ: É. O umbigo, não, o umbigo é o que dá a banana. É o broto da banana, da folha.

ED: Ah, sim, da folha.

AZ: Pegava, ela abria e esparramava a banha na folha e punha ela em cima. Passava a banha no corpo dela todo, e pegava outra folha, untava bem e punha por cima. Aí punha um lençol bem fininho, é que ficou. Foi cicatrizando, cicatrizando, depois ela ficou com o braço colado. Aí foi preciso o médico voltar, passou um ferrinho, uma coisinha assim feito lápis, passou, o braço abriu. E com isso que ela sarou.

ED: Dona Nica, e a sua avó e a sua mãe, elas sabiam muitas receitas, muitas coisas de curar em casa?

AZ: Não.

ED: Vocês chamavam sempre o médico? Ou elas sabiam alguma coisa?

AZ: Não. Elas sabiam, era escalda pé, com dor de dente era [] de alho...

FIM DO LADO B DA FITA 03

	casamento, 2, 8, 9, 18	
A		F
Alexandre, 1, 2, 6, 8, 10, 20		
Ana, 1, 3, 7, 20	fábrica de macarrão, 4	
Angelim., 9, 15, 19	favela, 4	
Antônio, 1, 18	febre espanhola, 3	
B		H
Barbacena, 14	hospício, 14, 15	
Barreiro, 5	Hospital Militar, 15	
Barro Preto, 4, 5, 6		
bonde, 4, 10		I
Brasilit, 19		
C	igreja, 8	
Carlos Prates., 7		

J

Junquilhos, 8, 20

L

Luiza, 1

M

Maria da Graça, 16
Mário, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 16, 17, 20

N

Nica, 1, 3, 7, 10, 13, 15, 16, 21

O

olaria, 4, 9, 12, 13, 20

P

Padre Eustáquio, 2
Paulo, 14, 16

R

rua Junquilhos, 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORES: ELIANA DUTRA, ÉRIKA DE FARIA E MÍRIAM HERMETO
ENTREVISTADO: D. ANTONINA ZANDONA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 08/08/96 – 4ª SESSÃO

Entrevista – fita 04 – lado A

MH: Hoje é dia 8 de agosto de 1996, entrevista com dona Antonina Zandona.
Entrevistadoras: Eliana Regina de Freitas Dutra e Míriam Hermeto de Sá Mota.

ED: Dona Nica, outro dia a senhora me contou umas coisas muito interessantes. A senhora continuou a me contar um pouco, a me falar um pouco dos seus irmãos. E hoje a senhora ficou de me falar de mais alguns, sobretudo do Angelim.

Mas antes, eu tenho uma coisinha que eu queria perguntar para a senhora, que é capaz da senhora ter alguma coisa interessante para contar. O seu pai, ou ele ou sua mãe, eles falavam da inauguração de Belo Horizonte? Ou a senhora se lembra de alguma coisa? Eles falavam da inauguração da cidade?

AZ: Não. Porque ele ficou paralítico, não é? E só pensava na doença.

ED: Na doença. Ele não falava de quando a capital foi inaugurada...

AZ: Não.

ED: Se ele assistiu, se ele foi na inauguração.

AZ: Não, não foi.

ED: Isso, ele não falava.

AZ: Não falava.

ED: Então tá. Dona Nica, e uma outra coisinha que eu queria também perguntar à senhora, porque na medida em que a senhora vai me contando as histórias, a senhora sempre fala de uma porção de lugares, de uma porção de lugares aqui na cidade. Eu queria perguntar à senhora uma coisa: a senhora acha que a cidade de Belo Horizonte era muito diferente antigamente? Ela mudou muito?

AZ: Diferente?

ED: É. A senhora acha que a cidade piorou, o que a senhora lembra da cidade de Belo Horizonte?

AZ: Melhorou foi muito, pois era capim. Lá onde é a Praça da Liberdade, ali era capim, aquele capim sapé, não sei se a senhora conhece.

ED: Conheço.

AZ: Pois é. Quando... naquele tempo o sapé estava dessa altura. Eram umas casas assim, mais para favela do que cidade mesmo, não é? Depois é que foi melhorando. Mas eu ajuntava com meus irmãos, meus primos, nós íamos lá, cada um com um pauzinho, lá tinha muito coelho. E coelho dorme com os olhos abertos, não é? Ah, nós trazíamos três, quatro coelhos para casa, para comer. Porque a gente chegava devagarinho, metia o cepo neles.

MH: Na Praça da Liberdade?

ED: Perto da Praça da Liberdade?

AZ: É.

MH: E como vocês iam para lá? De bonde?

AZ: Ia a pé, uai.

MH: A pé, daqui até lá?

AZ: Pois é. Eu aprendi a costurar, eu saía daqui, daqui mesmo do... tem a parada de carro ali, a casa nossa era para lá um pouquinho, não é? E eu ia a pé para aprender a costurar lá na rua Ouro Preto, no Barro Preto, lá embaixo, a pé. Eu não tinha um sapato, não tinha um tamanco, não tinha chinelo, como eu ia pegar bonde? O bonde era 1 tostão. Quando eu aprendi a fazer calça, que a costureira me ensinava, ela tinha três moças -

comigo quatro - então, ela era muito amiga de papai, de mamãe, ela me chamava lá no quarto e cortava, me explicava como que era, mas não chamava as outras, não. Aí, eu aprendi a fazer calça, assim, uma calça por dia eu fazia. Mas sem arremate, não punha... as outras é que punham botão, chulheavam, aquela coisa. Então, a dona me dava 1 tostão e falava: toma, Tônia - ela me chamava de Tônia - toma Tônia, pega o bonde. Eu falei: pega o bonde como? Eu não tenho chinelo, não tenho sapato, eles não deixavam, não é, a gente pegar bonde descalço.

ED: Ah, não deixavam?

AZ: Não, podia tomar choque, disse que dava choque, não sei. E aí, depois, eu fiquei uma costureira boa. Boa mesmo.

ED: E com esse dinheiro é que depois a senhora passou a tomar bonde, mais para a frente? Depois que a senhora tinha sapato? Aí, a senhora ia para a Praça da Liberdade de bonde? Ou não?

AZ: Ah, depois, eu fui juntando os tostões, comprei um tamanquinho. Ah, para mim era a coisa melhor que tinha, parecia que eu estava mais bem arrumada, mais bem vestida. Então, quando chovia, o tamanco fazia tlec-tlec-tlec, vinha, aguava até na cabeça. Mas eu ia satisfeita, com o balaio. Ia para lá com o balaio de mandioca na cabeça.

MH: Dona Nica, que caminho que vocês faziam para ir daqui até a Praça da Liberdade?

AZ: Que caminho?

ED: É. A senhora lembra?

AZ: Uai, passava era aí... as ruas, eu não sei o nome.

MH: Mas o bairro...

ED: Mais ou menos.

AZ: Barro Preto...

ED: Barro Preto, e depois subia.

AZ: É, não... não tinha subida, não.

ED: Não? Até a Praça da Liberdade, não?

AZ: Não. Não tinha subida, não. Eu penso que não tinha subida, não. Tinha a garagem de bonde.

ED: Aonde, essa garagem? A senhora lembra?

AZ: É ali por perto da Praça da Liberdade, para aqueles lados ali.

ED: Ah, sei. Dona Nica, conta para a gente: a senhora lembra dos prédios, assim, quais os prédios de Belo Horizonte daquela época que a senhora achava mais bonitos? Além dos prédios que a senhora achava mais bonitos, que prédios que a senhora viu? A senhora viu algum prédio ser construído? A senhora viu algum prédio ser demolido? Como eram as construções?

AZ: Isso, eu não ligava essas coisas, não.

ED: É?

AZ: É.

ED: Mas tem algum que a senhora lembra? A senhora lembra de algum prédio que a senhora achava bonito?

AZ: Não, não tenho lembrança.

ED: De algum cinema... A senhora me falou um dia de um cinema que a senhora ia com o seu pai.

AZ: Ah, tinha o Democrata, no Barro Preto, não é?

ED: Sei. Na rua da Bahia...

AZ: É, na rua da Bahia tinha um.

ED: Era o Pathê? Seria o Pathê?

AZ: Não, acho que não era o Pathê, não. Eu não lembro o nome dele.

ED: Mas era um prédio bonito? A senhora lembra?

AZ: Não, isso eu não lembro. Eu sei que papai levava, no tempo que ele estava bom, eu era pequena ainda. E tinha meu irmão mais velho, e mamãe. E nós íamos, aos sábados ele levava a gente no cinema. E minha avó ficava com os pequenos em casa, tomando conta.

MH: E o que vocês viam, dona Nica?

AZ: Hein?

MH: Que filmes vocês assistiam?

AZ: Ah, era aquele homem que anda duro, como que chama? Carlitos?

ED: Carlitos, ela falou da outra vez. Carlitos. Dona Nica, deixa eu perguntar à senhora: tinha assim... a senhora lembra de alguma pracinha da cidade que a senhora ia brincar, ou ia passear?

AZ: Ia o quê?

ED: Alguma praça que a senhora gostava de ir passear.

AZ: Papai não deixava.

ED: Não deixava ir nem em uma praça?

AZ: Não. O que ele deixava ir era festa de igreja.

ED: Ah... E aonde vocês iam? Qual igreja?

AZ: Aí no Calafate.

ED: Ah, já tinha a igreja do Calafate.

AZ: Já tinha. Fez... eu me lembro que era uma capelinha. Tinha uma porção de pé de araticum ali na praça da igreja. Depois inventaram de fazer a igreja grande, eles fizeram a igreja e fizeram num... como que é? Esqueci. Ah, eles fizeram a igreja e a pequena ficou dentro. Fizeram a igreja por fora, a igreja. E a igreja pequena ficou por dentro. Agora, quando fechou a igreja, que já estava bem quase acabada, aí então eles desmancharam a igreja. E o negócio de bater sino era lá fora, uma torrezinha compridinha.

ED: E tinha festa do lado de fora.

AZ: Ah, tinha.

ED: Que tipo de festa? O que tinha nessas festas? Era muito bom, muito gostoso?

AZ: Ah, eu esqueço. Era quando juntava aquela porção de padres, eu esqueci o nome da

feira.

ED: Tinha barracão?

AZ: Barracão tinha demais. Aí a gente ia, papai deixava.

ED: E a senhora lembra o que tinha na barracão, que era divertido?

AZ: Era bom, ia banda de música. Eu gostava de ficar pertinho da banda. Eu mais duas companheiras, primas. Elas iam lá para casa e nós íamos. Um primo meu, que estava doido para me namorar, mas eu nunca gostei dele não, ele viu que tinha uns moços da banda de lá da banda, tudo conhecido, tudo gente daqui mesmo, e nós de cá, as moças de cá da banda. Quer dizer que ele achou que eu estava namorando um deles, não é, me deu uma varada nas pernas, mas deu para valer, viu? Aí, eu saí chorando e fui lá para casa. Ele trabalhava lá em casa, era carroceiro. Conteí à mamãe, mamãe falou assim: ele vai embora é hoje. Quem pode bater nos meus filhos sou eu, ele não pode bater. Quando ele chegou, ele foi contar, mamãe falou: não, eu conheço minhas filhas. Agora, porque elas estavam olhando, isso não tem importância não, uai. Eu já fui moça, eu compreendo as coisas. Então mandou ele embora.

ED: Dona Nica, e o que a senhora acha: a senhora gostava mais da cidade naquela época ou hoje? Qual época a senhora gostava mais, que a senhora achava a cidade mais bonita? Naquela época ou hoje?

AZ: Hoje é mais bonita, não é?

ED: A senhora acha mais bonita?

AZ: Muito mais bonita, é. Do prédio grande, não é? Naquela época, não, era casa.

ED: Só casa.

AZ: Sobrado mesmo, eu acho que... eu não lembro de sobrado.

ED: Não lembra, não.

AZ: Não. Até papai uma vez comprou uma casa lá dentro da cidade mesmo.

ED: Ah, dentro da cidade?

AZ: É.

ED: Mas vocês não chegaram a morar lá, não.

AZ: Não. Sempre saiu dos matos, casa de sapé, coberta de sapé. Outra hora, as paredes de tábuas, coberta de zinco. Essas coisas todas, não é? Depois que deixou desse negócio é que foi... que papai fez a casinha ali. Eu até tenho um retrato dela ali, depois eu mostro para você.

ED: Ah, mostra sim. Eu quero ver.

MH: A casinha era aqui no Calafate.

AZ: Ele fez a casinha ali mesmo, para lá da... na Cemig.

MH: Junto à linha de bonde.

AZ: É.

ED: E dona Nica, quando vocês mudaram para essa casa, já tinha muitos irmãos?

AZ: Tinha.

ED: Muitos já tinham nascido?

AZ: Não, muitos irmãos nasceram lá.

ED: Nasceram lá. Tinham poucos, então.

AZ: Era eu, o mais velho e a Ana, que mora ali embaixo. Três.

ED: Ah, tá.

AZ: Depois que foi nascendo.

ED: Sei. Dona Nica, a senhora lembra da avenida Afonso Pena, quando ela era cheia das árvores? A senhora gostava?

AZ: Ah, eu gostava. Até um dia, foi eu e meu irmão, não sei o que nós fomos comprar, nós íamos sempre os dois, não é? Mas não... bateu um pé d'água, menina. E tinha um homem debaixo de uma árvore. E nós estávamos com um guarda-chuva, desses guarda-chuva de homem mesmo, grande. Nós abrimos, o homem foi e tomou o guarda-chuva. Falou: deixa eu segurar. E nós ficamos debaixo de chuva e ele cobrindo. Eu falei: ah, me dá o guarda-chuva. Ele falou: não. Eu falei: nós precisamos de ir embora, nós vamos é debaixo de chuva mesmo. E assim que pude... Mas nós já

estávamos molhados, não é?

ED: Mas, então, a senhora lembra. A senhora ia muito à cidade.

AZ: Ia. Fazer compra. Comprar, assim, umas coisas. Ou então, quando nós tínhamos algum dinheirinho, que a gente... Eu fazia muito crochê de noite e vendia. Então ajuntava. Qualquer dinheirinho, a gente comprava sapato, comprava... Sempre comprava umas coisas boas.

ED: E a senhora, a senhora lembra do nome das casas, do nome de alguma sapataria ou de alguma loja onde a senhora comprava material para costura ou tecido? A senhora lembra de alguma casa comercial?

AZ: Não. Não lembro. Não lembro mesmo.

ED: A senhora não lembra de nenhuma lá na cidade, naquela época.

AZ: Não. Já passou tanto tempo.

ED: É, é muito tempo. Dona Nica, mas me fala então mais um pouquinho dos seus irmãos. A senhora ficou de me contar hoje do Angelim.

AZ: É. Eu falei também um pouco do Angelim, não é?

ED: Ficou mais de falar hoje.

AZ: Falar mais? O que foi que eu falei?

ED: A senhora falou que ele era muito levado, que ele era muito esperto, mas que também era muito trabalhador. Mas aí, a senhora falou que tinha mais história dele para hoje.

AZ: É. Ele sumia de vez em quando, não é? Era pequeno. Eu contei o negócio do galo? Que ele saiu arrastando o galo?

MH: Contou.

AZ: Pois é. E tem o negócio do porquinho também, que não largava ele. Onde ele ia... e ele de camisola. Ele saía, o porquinho estava atrás dele. Aí foram na cocheira, onde ficavam os animais, e a galinha chocou lá. E gorou uma porção de ovos. Aí foi ele e o porquinho lá no ninho e começaram a beber os ovos podres. E tinha os pintos dentro, sabe? Mas quando eu dei falta dele, eu saí correndo. Eu falei: a porcaria daquele

negrinho deve estar lá. E pensei logo que ele estava lá no ninho, que ele era doido com ovo. Aí, estavam os dois, o porquinho morreu de tanto ovo podre que ele comeu.

E ele está lá, [som de fazer vômito] fazendo vômito, que eu olhei, os pezinhos do pinto estavam do lado de fora. Eu puxei assim, estava podre, podre, fedendo que estava danado. Falei: porcaria, agora você vai apanhar. Mamãe vai te dar uns tapas. Levei ele para casa, contei a mamãe. Mamãe falou: o que eu vou dar a ele agora? Não tinha esse negócio de levar no médico, nem pronto-socorro, nem coisa nenhuma, não é? Aí, ela fez lá uma água, não sei que água, se era bicarbonato, o que era, eu sei que deu a ele uma água lá. E ele não teve nada.

ED: Ainda bem.

AZ: É. De outra vez, o que foi? Ah, lá em casa colhia muito cacho de banana, aquela banana caturra. Ficava aquela amontoeira lá no canto de um quartinho isolado que tinha lá. Aí, mamãe falava assim: olha, vocês não ficam comendo muito dessas bananas, não, que dá desinteria. Aí, ele ia lá: ô mãe, eu posso comer uma banana? Ah, uma banana, você pode comer. Ele ia lá, comia a banana. E gritava de lá: ô mãe, eu já comi a banana, eu posso comer outra? Bom, outra, você pode comer. Aí, ele pegava e comia a banana. Comia a banana, passava um tiquinho: ô mãe, eu comi outra banana, eu posso comer outra? Ah, agora você vai é apanhar. Aí não deixou. Foi lá, fechou a porta: você está doido, menino? Umas bananas... cada banana dessa grossura, desse tamanho. Onde é que cabe na sua barriga? Ah, mais uma só. Então, ela dava a ele uma e trancava a porta e não deixava ele.

E muita coisa na horta. Ele era muito trabalhador.

ED: Era muito trabalhador?

AZ: Ele... Papai tinha comprado uma caminhonetezinha... Não, é um caminhãozinho pequeno. Caminhão pequeno. Então, ele roubava, saía escondido, já que ele estava crescidinho, e tinha que passar para ir na horta dele - uma horta bonita que ele tinha -, para ir na horta dele tinha que passar numa pontezinha estreita. Ele levava o caminhão tão certinho, que era a conta. Se saísse um pouquinho da linha, ele caía dentro do rio. Pois ele entrava na horta com o caminhão, levava esterco, levava tudo, e descia também com todo o cuidado. E papai nem mamãe não ficavam sabendo. Depois, um

dia, eu falei: você vai ver. Eu ainda vou contar a mamãe. Ele falou: não conta, não, Nica, porque eu estou levando é esterco para a horta. Bom, então você não mexe mais com o caminhão, não.

Porque ele era meu afilhado, não é? E ele às vezes me obedecia. Outras vezes, ele precisava de uns tapas também. Eu fazia costura para ele, aqueles macacõezinhos, aí ficava bonito. Eu comprava aquele brim, um brim azul marinho escuro. Ele era moreno. Então, eu vestia ele, dava banho nele, vestia, depois saía com ele, passeando lá até no Pontilhão, voltava. Ele ficava bonitinho, mamãe ficava satisfeita.

ED: E ele se casou mais tarde, o Angelim?

AZ: Casou.

ED: Teve muitos filhos?

AZ: Teve. Acho que seis ou sete.

ED: É? E depois que ele casou, ele trabalhava com o quê?

AZ: Ah, ele trabalhou na olaria.

ED: Na olaria também?

AZ: É. Ficou tomando conta da olaria. E pegava... tinha um caminhão grande, ele saía 4 horas da madrugada para ir longe buscar o caminhão de lenha para queimar os tijolos, telha. Tudo que fazia na olaria tinha que pôr no forno, não é?, para queimar. E aí, ele saía 4 horas da madrugada. Coitado..., mas também, ele ficou rico. Mas trabalha até hoje, precisa ver.

ED: Todos os seus irmãos ficaram ricos?

AZ: Não.

ED: Porque o seu pai deixou muito dinheiro, não é? A senhora me falou.

AZ: Deixou.

ED: Alguns ficaram muito bem de vida, não é? Algumas das irmãs também se casaram...

AZ: Todos que souberam segurar...

ED: Ficaram ricos.

AZ: Ficaram. Mas os que não souberam, feito um, o marido da Luzia, uma que vem aqui, ele falava com o meu marido: é, Mário, você não sabe viver. Ele era mulherengo, só vendo. Danado. Foi indo até que ele ficou na miséria. Nós é que fazíamos despesa para ela.

ED: Do marido da Luzia, sua irmã.

AZ: É.

ED: Mas os irmãos, os homens? O Angelim...Era o Angelim, era o Alexandre e o Antônio. Três homens.

AZ: Três homens.

ED: Os três homens ficaram ricos?

AZ: Não, eles ficaram...

ED: Porque o Angelim ficou, não é?

AZ: Quem?

ED: O Angelim ficou rico, não é?

AZ: Angelim ficou. Ele tem fazenda...

ED: E o Antônio e o Alexandre?

AZ: Não, o Antônio... O Alexandre, ele morreu com... Ele casou... Ah, ele deu para beber...

ED: Ah, foi o que deu para beber.

AZ: É. E o Antônio trabalhou toda a vida na Brasilit com caminhão.

ED: Com caminhão.

AZ: É. Carregando aqueles tubos, caixa d'água, aquelas coisas que eles faziam na Brasilit.

ED: E o seu pai, a senhora conta que ele deixou muito dinheiro. Trabalhou muito, vocês todos trabalharam muito, ajudaram a ele. E ele guardava mais do que gastava? Ele era cuidadoso para gastar?

AZ: Papai era.

ED: Era?

AZ: E as meninas menores, ia na linha, porque ia..., o trem com lastro... Sabe o que é lastro, não é? É a máquina puxando aquela porção de vagão.

ED: Sei.

AZ: Então vinha cheio de carvão, de... É carvão de pedra que fala? Um carvão que põe na bigorna, nos trens dos ferreiros.

ED: Sei.

AZ: E eles jogavam lá para socar debaixo do dormente para o trem não ficar..., para ir certo. Aí, as meninas iam, com o saco, e ficavam na beirada da linha catando. Catava aquela porção, ajuntava aquela porção de saco de carvão. Depois ia um homem lá, comprava tudo. Mas papai não dava, não, o dinheiro para elas. Ele segurava. Ele gostava de comprar, por exemplo, era arroz com casca. Ele não comprava arroz limpo, não. Café com casca, aquele coco, eu é que socava aquilo. Cortava, ia cortar capim lá em cima, perto do asilo. Ele tinha terreno até lá em cima. Cortava capim, vinha. Que ainda não ia na costura. Vinha, socava o café, outra hora socava o arroz para limpar, para poder fazer o almoço. Era assim.

MH: D. Nica, a senhora se lembra para onde é que a olaria do seu pai fornecia material?

AZ: Ah, ele fornecia para todo lugar. Para muito lugar.

MH: E vocês, as mulheres, chegaram a ter algum contato com a olaria?

AZ: Eu cheguei a fazer telha.

MH: Ah, é? Só a senhora

AZ: É. Eu e Alexandre. Tinha um terreiro lá grande por nossa conta.

MH: As outras mulheres não fizeram, só a senhora.

AZ: Não. As mais novas não... Eram preguiçosas, não... A mais nova, então, era aquele dodói, caçula, não fazia nada, não. Até já morreu, coitada. A outra, a penúltima, ela vem dormir aqui para me fazer companhia, porque eu fico sozinha. E ela tem a família grande. Ela deixa tudo lá com as mais velhas - tem uma casada, que mora lá com ela. Então, umas ficam para lá, outras ficam para cá, e assim.

ED: Sei. A olaria dos negócios que seu pai teve, que foi serraria, carvão, ele mexeu com vendia, ele transportava madeira, fazia carvão, fazia a olaria...

AZ: É. Fazia carvão.

ED: O que dava mais, que era o negócio principal dele? Era a olaria?

AZ: Era a olaria.

ED: Era o que dava mais dinheiro, era o que ele dedicava mais?

AZ: É, olaria. Porque ele mexeu com carvoeiro, fazia aquelas coisas de carvão para vender. Fazia..., tinha serraria. Tinha mais o quê gente? Ah, ele comprava mata, as matas, punha picador de lenha, fazia aqueles pedaços de um metro. Depois, ele tinha 7, 5 animais, carregava os animais e vinha para a cidade entregar nas padarias.

ED: Entregar o fubá também, não é?

AZ: É, fubá, tinha muito. A mãe dele ajudou muito também. A mãe dele..., veio uma turma de ingleses da Inglaterra e hospedaram lá na casa da minha avó, da mãe de papai. E ela dava comida...

ED: Pensão.

AZ: Pensão. Então, eles não tinham dinheiro. Pagavam com louça, uma louça bonita. Até há pouco tempo, eu tinha dois vasos..., duas jarras aí. Caiu, quebrou. Mas coisa linda mesmo, que eles pagavam com as louças.

ED: Dona Nica, quando o seu pai veio de São Paulo, que ele arrumou aquele emprego lá, que a senhora me contou, ele veio para Belo Horizonte, para o Barreiro, e lá ele já montou o moinho de fubá. A senhora sabe se ele comprou o terreno onde ele montou o moinho de fubá?

AZ: Não.

ED: Ou como ele fez para começar esse negócio.

AZ: Isso, eu não fiquei sabendo.

ED: Se ele alugou, se ele comprou, a senhora não lembra.

AZ: Não lembro.

ED: Dona Nica, só um outra coisinha também: vocês falavam italiano em casa, conversavam italiano?

AZ: Não, não.

ED: Nada?

AZ: Não. Nem papai. Nem minha avó conversava com papai. Não, ela conversava em italiano, mas o papai respondia em brasileiro.

ED: Ah! E nenhum de vocês aprendeu a falar italiano.

AZ: Não. Agora, minha avó conversava conosco em italiano.

ED: Vocês entendiam?

AZ: Nós compreendíamos. Ela... muita coisa que ela queria falar em brasileiro, feito quiabo. Ela falava “quiaba”. É “quiaba”... Muita coisa, ela falava, assim, errado.

ED: Mas eles não conversavam em italiano.

MH: E quanto às terras, a Eliana perguntou como seu pai conseguiu, mas como ele conseguiu aumentar tanto as terras, dona Nica? Pedaco de terra. Porque a senhora falou que ele foi dono até lá embaixo.

AZ: É. Esse pedaco aqui, tudo era dele. Comprou baratinho, eu não sei como foi, não. Ele era danado para juntar dinheiro. Ele não gastava dinheiro para nada. Coisa que não tinha precisão, ele era muito seguro. Então... Até os meninos todos descalços... Essas coisas assim, ele não comprava, não.

ED: Ele achava que não precisava.

AZ: Não precisava. E aí...

MH: E depois, para vender? Vocês acabaram vendendo uma boa parte dessas terras, não é?

FIM DO LADO A DA FITA 04

Entrevista – fita 04 lado B

AZ: ... tinha uma ponte, que é um riozinho que descia e desce até hoje.

ED: A senhora lembra o nome desse riozinho?

AZ: Esse rio? Não sei, não. Eu esqueci. Porque o maior chamava rio Arruda. Agora, esse pequeno, eu não sei como que... Mas ele ainda existe. De vez em quando um afunda, que eles tamparam com cimento, não é? Fizeram aquela laje...

ED: Por cima.

AZ: É, por cima. Mas de vez em quando quebra e aparece o rio. E tamparam a ponte também.

ED: E ele era dono dos terrenos até lá na ponte?

AZ: Era.

MH: Como foi para vender isso depois?

AZ: Foi vendendo aos poucos, não é? Aos pedaços.

ED: Ele ainda era vivo quando foi vendendo?

AZ: É, era vivo. Não, ele... Não era.

ED: Foi depois que ele morreu que vocês venderam?

AZ: Espera aí. Eu acho... quando ele morreu, ele deixou, dividiu. Tinha um advogado que ia lá em casa sempre, a gente descia, os casados desciam para assinar.

ED: E dona Nica, e aí, os irmãos, cada um vendeu a sua parte depois.

AZ: É. Alguns venderam.

ED: Outros, não.

AZ: Outros, não.

ED: Dona Nica, e ele guardava esse dinheiro, a senhora lembra se ele guardava em casa, se ele guardava no banco?

AZ: Não, não tinha banco, não. Guardava em casa.

ED: Tudo guardado em casa?

AZ: Só eu que sabia o lugar.

MH: E onde é que era?

ED: E onde era, dona Nica?

AZ: Ele..., num quartinho, que ele guardava. Então, eu vou contar uma coisa aqui... Eu fiquei gostando de um moço, meu primo, não é? E eles não queriam de jeito nenhum, porque era primo. Mas não falava porque é que não podia casar. Era parente. Mas eles não explicavam para a gente. A gente era boba, não tinha amiga, não tinha... contato com ninguém. Porque as moças de hoje estão mais sabidas do que os velhos, não é? Então, eu fugi com o moço. Eu fugi e papai: vai ver se ela levou o dinheiro. Mas eu nem pensei nisso.

ED: Porque a senhora era a única que sabia.

AZ: É, era eu. Só eu. Era num cantinho do quartinho. Mamãe arrancou um tijolo, fez um buraco, depois pôs o tijolo ali, pôs a lata lá, uma lata, de jeito que os ratos não roíam. E foi assim até morrer.

ED: Até morrer, ele guardou o dinheiro em casa.

AZ: É. Nunca pôs no banco, não.

ED: Nunca pôs no banco.

AZ: Não.

ED: E quando morreu, esse dinheiro também repartiu?

AZ: Não... Não sei. Eu sei que quando... o que repartiu foi quando abriu essa rua aqui, esse pedaço da Platina até ali, que era o pedaço inteirinho, não é? Então, a Prefeitura foi abrir o resto da rua e foi preciso..., foi, comprou na mão de papai. Despejou, sei lá. Mas pagou, não é? Aí, papai deu 60 mil réis a cada um. Me lembro que ele deu 60... E era muito dinheiro.

ED: Era muito dinheiro.

AZ: Era. E aí, ele...

ED: Ele deu para cada filho 60 mil réis?

AZ: É.

MH: Dona Nica, quando foi que o pai da senhora morreu?

AZ: Ah, eu não lembro.

MH: A época, a senhora não lembra?

AZ: Não lembro.

MH: E a época que a senhora casou, qual foi?

AZ: Eu não sei também.

ED: A senhora não lembra o ano que a senhora casou? O que aconteceu, algum..., a senhora lembra de alguma coisa que aconteceu ou na cidade, ou alguma coisa interessante, ou que foi notícia, que a senhora possa, assim..., que tenha sido próximo do seu casamento, de quando a senhora casou? A senhora lembra de algum fato, alguma coisa?

AZ: Não, só sei que mamãe deu falta, não é? Ela foi me chamar para levantar, que já estava passando da hora. Então viu a cama direitinha. Não foi mexida, ninguém dormiu na cama. Aí, ela foi lá embaixo, aonde tinha os animais na cocheira, chamou e tudo, não me encontrou. Aí, ela falou com um dos rapazes que trabalhava lá: vai lá na olaria, na casa da Nona e fala com ela, vê se o Mário está lá. Ela foi e falou assim: não, e ele não veio essa noite, e a cama dele está arrumada. Ela falou assim: puta, putana... Como é que ela foi fugir? Ela fugiu com o Mário. E tinha fugido mesmo.

Então, o moço foi, procurou e falou assim: ah, o Mário tinha um amigo no Carlos Prates e esse amigo é capaz de ter ajudado ele. Aí bateu lá na casa do amigo do Mário, do meu marido, não é? Não, não era meu marido ainda, era do fugitivo. E foi, chegou lá, cadê, o Mário não está aí, não? Ah, ele está ali na casa - já tinha alugado uma casa -, ele está ali. Ele foi lá: cambada de sem-vergonha, sua mãe está lá em tempo de ficar doida. Eu falei: uai, mas ela sabia que eu..., eu andei falando com ela umas vezes, que eu ia fugir, se papai não consentisse, que eu ia fugir. Ah, mas ela está muito magoada, ela está chorando. Eu falei assim: mas isso passa.

Mas eu fiquei com remorso até, porque muito menina, não é? E eu era um pé de boi ali para ajudar, não é? A abaixo de mim, ia atrás dos negócios de papai, ia sempre na cidade para um papel na Prefeitura, e saía muito, não dava para ajudar muito a mamãe, não. Mas eu, ele não deixava eu ficar saindo com ela.

ED: Era a Ana. A Ana que ajudava mais seu pai nos negócios.

AZ: É. Ajudava, mas ela também era danada. Às vezes ela falava que tinha que levar um papel não sei aonde, e ela ia encontrar com o namorado, que era motorneiro. E ia até no ponto, voltava. Até há pouco tempo... Ele está velhinho. Ele estava contando, rindo. Ele casou, tem família e tudo. Mas ele estava contando o caso. E foi indo que... Aí... nem sei mais.

ED: A senhora estava contando da senhora com o Mário, que a senhora fugiu para casar com o Mário.

AZ: É, depois o moço que achou a gente, falou assim: oh, o Serafim (...) * vai ser... está arrumando para vocês casarem hoje mesmo. Aí, ele arrumou as testemunhas e nós casamos.

ED: E seu pai e sua mãe eram muito católicos? Eles iam à missa todo domingo ia à missa?

AZ: Eram católicos. Quando eles não iam, eles escamuçavam a gente para ir. Eu não gostava muito de ir, não. Eu era católica, rezo muito, temo a Deus e tudo...

ED: Mas eles não levavam todo mundo para a igreja, não.

AZ: Não. Ele mandava.

MH-: A missa era rezada em latim, não é? A missa não era falada em português, não, não é?

AZ: Eu não sei. Eu não entendia nada que o padre falava.

MH: E a missa era um encontro social? As pessoas iam para poder...

AZ: Todo mundo ia na missa.

MH: Iam também para poder ser ver. Além de ir à missa, muita gente ia para poder encontrar as outras pessoas?

AZ: Ah, isso, eu não sei. Porque a gente, eu, pelo menos, ia na missa, rezava lá, logo que dava o sinal que acabou, eu ia correndo para casa.

ED: E vocês rezavam em casa? Tinha costume de rezar em casa? Sua mãe rezava com vocês? Como era? Ou não? A mãe de vocês ensinava vocês a rezar?

AZ: Ensinava. Minha avó ensinava a rezar em italiano.

ED: Em italiano.

AZ: É. E..., agora até esqueci como era. Mas, antes de deitar, tinha que rezar.

* (...) = Inaudível.

ED: Tinha que rezar?

AZ: Ah, tinha. Agora, assim, muita gente reza na hora da refeição, lá não tinha disso, não. Cada um pegava um prato, ia um para aqui, outro ia para lá, e sentava aonde queria. E não tinha esse negócio de mesa nem nada, não. Agora, dia de Natal era aquela..., os meninos todos ficavam doidos para chegar Natal.

ED: Tinha presente?

AZ: Não. Única vez que eles deram para as meninas, presente, foi umas bonecas de..., umas bruxinhas de pano, que uma velha fazia. Então, mamãe comprou uma boneca para cada uma. Mas foi a única vez.

ED: O Natal, vocês iam à missa no Natal? E depois tinha comida? Como comemorava?

AZ: Nossa Senhora, Natal era tudo. Minha avó era..., foi cozinheira de padre, e ela sabia cozinhar, era cozinheira mesmo, não é? Então, depois vinha aquela mesa cheia de castanha cozida, noz, avelã, a mesa ficava cheia. Doce. Aquilo, era aquela fartura mesmo. Muita bebida, assim, cerveja. Guaraná. Guaraná, não sei, acho que nem existia aquilo, não. Um trem doce lá para os meninos.

ED: Groselha, uma coisa assim.

AZ: É.

ED: A senhora disse que o seu pai não gostava muito de gastar com sapato, com roupa. Mas que gostava..., de comida, era muito farto. Comia muito bem.

AZ: Ah, é. Comia. Negócio de comida era com ele.

ED: E fazia muita comida italiana na sua casa?

AZ: Fazia. Macarronada, que é italiana, não é? Nhoque...

MH: E vocês participavam da feitura da massa? Vocês faziam a massa também?

AZ: Fazia.

ED: Os filhos todos?

AZ: Todos. Eu fazia pão... Vinha..., a farinha vinha num saquinho de 5 quilos. Mamãe fazia o pão, eu já era casada, pegava também um saquinho, e a Ana, minha irmã, também um saquinho. Mas para mamãe era muita coisa. 15 quilos de farinha era muito, a masseira era grande. Então, eu descia, que eu morava lá em cima, eu descia, amassava, fazia a

massa...

ED: Para pão?

AZ: É, fazia. Depois fazia o pão, punha lá para crescer. Aí, quando o pão estava crescido, eu me lembro que ela cortava no meio assim, fazia aquele risco assim para ele, quando ficava no forno acaba de abrir, não é? E aí repartia tantos pães para cada um, porque era um saquinho de cada uma.

ED: E o macarrão fazia em casa também?

AZ: Fazia. Ih, eu também fiz muito até há pouco tempo.

ED: É?

AZ: Essa mesa, ficava a massa aberta, eu fazia com cabo de vassoura. Eu rapei ele bem, limpei bem. Depois, eu fazia aquela massa grande, tanto caía massa para lá como para cá. Quando eu..., eu fazia com a massa assim... fazia assim, se tivesse pegando, deixava mais um pouquinho para enxugar mais. Depois, quando eu via que ele estava na hora de cortar, eu pegava um bocadinho de fubá e jogava assim. Depois dobrava a massa, tornava a jogar mais um tiquinho, tornava a dobrar. E fui dobrando, até formar aquele rolo, aquele rolo assim. Aí, com o facão, eu ia cortando assim. Depois, eu pegava e fazia assim. O fubá não deixava agarrar, não é? Sacudia assim. Ah, mas ficava bonito, só você vendo.

Depois, meu marido comprou uma máquina, mas a máquina, pouco tempo eu usei, porque quebra à toa.

ED: Ah, quebra?

AZ: Quebra à toa. Depois, eu comprei outra. A minha sobrinha me pediu emprestado, quebrou também. Fiquei sem a máquina. Tinha cilindro também. Ela quebrou. Aí, eu não comprei mais nada. Eu falei: tem tanto macarrão para a gente comprar agora, eu vou trabalhar...

ED: E vocês faziam..., o que mais dos pratos que a senhora aprendeu a fazer com a sua mãe?
O macarrão, pão... O que mais?

AZ: Não, mamãe não sabia fazer, coitada.

ED: Era a avó que sabia?

AZ: É. Minha avó. Porque mamãe trabalhava era na lavoura.

MH-: E tinha um dia especial para fazer massa?

AZ: Não. Qualquer dia. Aqui, o muro da oficina era baixinho. A janela ficava aberta, e eles de lá..., um dia eu dava café..., tudo que eu fazia de bom, canjica, tudo que eu fazia, eu mandava panelada para lá, para eles. Então, eles olhavam: ô mesa abençoada, porque a massa estava aberta. Eu falava: agora mesmo, eu vou cortar. Ah, então me chama para ver. Eu chamava um lá e eles vinham tudo na beirada do muro e ficavam espiando.

ED: O seu pai e a sua avó vieram da região de Udne na Itália. E a senhora sabe qual era a região que a sua mãe veio?

AZ: Ah, mamãe veio de Verona.

ED: Ah, ela veio de Verona. E lá, ela, então, não sabia cozinhar. Quem sabia era sua avó.

AZ: Não. Era minha avó. Ela cozinhava. Ela fazia o feijão, arroz, verdura, essa coisa brasileira. Mas comida mesmo, italiana, ela não sabia, porque ela..., eles viviam de..., numa montanha tinha..., eles viviam numa casa de..., tinha os patrões, viviam como empregado.

ED: Na Itália ou aqui?

AZ: Na Itália. E nessa..., nesse lugar que eles viviam, eles plantavam uva, os patrões, eles plantavam muita uva. Ali, eles trabalhavam na uva. Depois veio para o Barreiro, quando eles vieram, ela foi para o Barreiro com a família. E lá tinha plantação de arroz num brejo. Nesse brejo... Você já viu falar naqueles bichos que chupam o sangue da gente?

ED: Sangue-suga.

AZ: É. Ela ficava com as pernas todas... Plantava o arroz no brejo. Depois ensinaram ela para enrolar saco, cortar saco em tira e enrolar nas pernas, nos pés, é que ela livrou dos bichos. Mas o irmão dela, colhia aquilo, apanhava e levava para o hospital. Em vez de dar sangria, essas coisas, eles punham era os bichos para chupar.

ED: Quer dizer que ela, na Itália, apanhava uva. E já a família do seu pai trabalhava mais com animal.

AZ: É, com animal. Ele apanhou aquela doença, aquele reumatismo, gente, que apanha quando senta numa pedra quente... Como chama? Ciática. Ele apanhou. Era para cortar a perna fora, não é? Porque ele gritava feito um louco. Acho que eu contei isso.

ED: Contou, contou. E ele trabalhava, então, com animais no pasto.

AZ: É. O padraсто dele mandou ele campear um animal, e ele estava muito cansado e sentou na pedra quente, no sol.

ED: E adoeceu. E a senhora sabe que tipo de animal que ele campeava, o que era?

AZ: Era búfalo, sei lá. Búfalo ou cavalo, não sei. E aí... Ele ficou cego ainda, depois que casou. Ficou cego. Então, ele fez promessa para Santa Luzia. Se ele...

ED: O seu pai que ficou cego?

AZ: É, ficou. Ele ficou cego e ele fez a promessa para Santa Luzia. Se ele sarasse, que ele ia casar lá na igreja de Santa Luzia. Porque ele era casado no civil, não é? Mas no religioso, não era. Aí, foi indo que ele sarou. Então foram. E já tinha meu irmão. E meu irmão sempre caçoava, falava assim: ah, eu comi doce no casamento de papai mais mamãe, mas comi doce... Comeu nada.

ED: Aí, eles casaram na igreja de Santa Luzia.

AZ: É, casaram na igreja de Santa Luzia.

ED: E aí, ele ficou bom da vista, nunca mais teve nada.

AZ: Ficou..., não, nunca mais. Depois, passou uns tempos, ele começou a queixar da bexiga, da urina. Custava a sair, coitado. Ele ia, assim, num canto, ficava pelejando para urinar, mas não saía. Quando é um dia, parece que ele piorou, e mamãe chamou o farmacêutico que morava perto. O farmacêutico deu uma porção lá que ele fez, para fazer ele urinar e ele amanheceu paralítico. Mamãe falou assim... Me lembro que ela estava me vestindo e eu era ainda pequena. Ela chegou na beirada da cama e me ajudou a vestir a roupa. E falou: vem um médico para o seu pai, seu pai não está bom, não. Eu falei: uai, mas o que é? Ah, o Zé Pedro veio aí - que é o farmacêutico -, mas não adiantou nada. Agora vem o médico. E o médico era..., não sei se professor Orsini, uma coisa assim.

ED: Da Escola de Medicina.

AZ: É. Mas ficou muitos anos. Aí, ele parou de mexer com médico e começou com feiticeiro. Aparecia tanto feiticeiro lá.

ED: Ele era muito moço quando ele ficou... A senhora lembra da idade que ele tinha quando ele ficou paralítico?

AZ: Não, eu não lembro da idade dele, mas eu sei que ele não era velho, não.

ED: Era muito moço. E a senhora sabe em que ano - a idade, a senhora me falou, ele tinha 18

anos quando veio para o Brasil -, a senhora sabe em que ano ele chegou no Brasil?

AZ: Não sei.

ED: O ano, a senhora não sabe.

AZ: Não.

ED: Se foi antes da inauguração da capital, se foi muito antes.

AZ: Não lembro, não. Uma que podia dar muita informação à senhora é Ana. Porque Ana é que tinha mais contato com papai para..., conversava mais com ele, esse negócio que ela estudou e era guarda livro dele. E ela devia de saber muita coisa.

ED: E ele guardava todos os livros dele, dos negócios, em casa também?

AZ: É, em casa. Oh, o meu marido, às vezes tomava conta lá da olaria também. Ele..., papai sabia mais do que meu marido na cabeça. Quantos tijolos fizeram, quantos tijolos pôs no forno, tudo papai sabia mais do que ele. O Mário ficava pensando, fazendo conta com lápis; papai, na cabeça, ele sabia. Ele não sabia ler, não sabia escrever, agora, o nome dele, eu ensinei a ele. Ensinei a ele a fazer o nome dele. Custou, menina.

E para aprender a ler, foi mamãe que ensinou. Que foi no tempo da guerra, uma guerra forte que teve. Então, papai assinou o Fanfula - um jornal que chamava Fanfula -, e esse Fanfula não adiantava nada, porque ele não sabia ler. E mamãe sabia pouco. Mamãe sentava perto dele e ficou ensinando a ele devagarinho, devagarinho. E ele lia o jornal inteirinho. Ele aprendeu.

ED: Ele já era paralítico quando aprendeu a ler, não é?

AZ: É, paralítico. Uma vez, ele fez uma vila em cima, dividiu em vilas, e vendemos lotes, não é? E aí, essa vila... Ah, tinha um homem que vendia. Esse homem chamava seu Aristides. Ele vendia e chegava, e entregava a ele o dinheiro, os recibos, tudo direitinho. Mas acontece que depois ele virou. Começou a vender por conta dele. Aí, ele ia ser preso...

ED: O seu Aristides?

AZ: É, seu Aristides ia ser preso. Aí, juntou de gente lá em casa para ver a decisão de papai. Papai falou: não, ele vai ser preso, sim. Vai ser preso, que de outra vez, ele não apronta outra. Aí..., mas eu olhei para a cara do homem, eu tive uma pena dele, que ele deu um prejuízo de mais de 60 contos de réis - era muito dinheiro naquela ocasião. Eu fui, ajoelhei perto de papai - que papai estava sentado numa cadeira - e falei: ô pai, perdoa

ele, perdoa a ele, Deus dá a ele o (...) que ele merece. Papai falou assim: está livre, seu Aristides. Está livre. As testemunhas que estavam lá para ver, todos fizeram uma cara de ruim para mim, fizeram uma cara de ruim. Eu pouco incomodei. Aí, o seu Aristides me agradeceu muito, pediu a Deus por mim, agradeceu papai. Falou: senhor Zandona, não faço mais nada, eu não vou errar mais não. Isso foi o capeta que me tentou. Falou, falou. Depois, ele foi embora, os outros foram embora. E ficou muito amigo da gente, sabe? De vez em quando, ele mandava as coisas para a gente lá, eu morava lá em cima.

ED: Quer dizer que seu pai também construía vila...

AZ: Ah, construiu duas vilas... Três vilas. Vila Adelina, Vila Marinho...

ED: Ah, e qual era a outra vila?

AZ: A outra, eu esqueci.

ED: Ah, e a senhora sabe onde eram essas vilas? Eram aqui também no Calafate?

AZ: Eram aqui para cima.

ED: Olha, três vilas.

AZ: Três vilas.

MH: E a senhora sabe se essas casas ainda existem desse jeito? As casinhas existem do jeito que ele fez ainda?

AZ: Não, ele não fez as casas. Ele vendia os lotes.

ED: Ah, tá. Ele vendia os lotes.

AZ: Ele fez as vilas, mas não com casa. Era tudo marcado.

ED: E as vilas não têm esse nome hoje mais não, não é, dona Nica?

AZ: Duas têm. A outra, eu não sei se tem.

ED: Qual é a que ainda tem o mesmo nome?

AZ: Vila Adelina e Vila Marinho. Eu acho que tem, até pouco tempo tinha. Agora não sei.

ED: Então, seu pai era um homem que não sabia ler, mas era um homem muito inteligente para negócios.

AZ: Nossa Senhora, era inteligente demais.

ED: E teve muitas atividades, não é?

AZ: É.

ED: E algum dos seus irmãos puxou esse jeito do seu pai de fazer negócio?

AZ: Ah, o Ângelo. O Ângelo, uma pessoa de..., ele já está com 71, me parece. Mas trabalha feito um danado. Eu falei assim: você morre, bobo, de tanto trabalhar. E vai ficar tudo para o seu genro. Esse seu genro é que vai aproveitar.

ED: O Ângelo era o mais novo?

AZ: Não... Dos homens era o mais novo.

ED: Era o mais novo dos homens. A mais velha era a senhora, depois a Ana. A senhora está com que idade?

AZ: Noventa... Eu não sei se é 91... Eu sou de 1905.

ED: A senhora é de 1905.

MH: E depois da Ana vinha quem?

AZ: A Itália. Depois de Itália, acho que veio Maria. Depois veio..., não sei se Angelim ou Antoninho. É, Toninho, Angelim, Angelina, Luzia e Rosa.

ED: A Rosa, a senhora não me falou da Rosa.

AZ: A Rosa era a caçula, não é? Muito pirracenta.

ED: Ela ainda é viva, a Rosa?

AZ: Não.

ED: A Rosa morreu?

AZ: Morreu. Morreu gorda, bonita, só vendo.

ED: Morreu nova ainda?

AZ: Nova. Mas ela já tinha neto. Já tinha neto. Uma das filhas dela... Ela teve gêmeos. Depois, uma das filhas dela também...

FIM DO LADO B DA FITA 04

A

Ana, 7, 16, 19, 22, 24
 Angelim, 1, 7, 8, 9, 10, 24
 Ângelo, 24

Aristides, 22, 23
 avenida Afonso Pena, 7

B

Barreiro, 12, 20

Barro Preto, 2, 3, 4
 Belo Horizonte, 1, 2, 4, 12
 bonde, 2, 3, 6

C

Calafate, 5, 6, 23
 Carlitos, 4
 Carlos Prates, 16
 casamento, 16, 21
 Ciática, 21

F

Fanfula, 22
 favela, 2
 festa de igreja, 5

I

igreja de Santa Luzia, 21
 igreja do Calafate, 5
 Itália, 20, 24

M

Mário, 10, 16, 17, 22
 missa, 17, 18
 moinho de fubá, 12

N

Natal, 18
 Nica, 1, 3, 4, 6, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 24

O

olaria, 9, 11, 12, 16, 22

P

Platina, 15
 Praça da Liberdade, 2, 3
 Prefeitura, 15, 16

R

rio Arruda, 14
 Rosa, 24, 25
 rua da Bahia, 4
 rua Ouro Preto, 2

S

São Paulo, 12

V

Verona., 20
 Vila Adelina, 23, 24
 vilas, 22, 23, 24

Z

Zandona, 1, 23